NEWTON,

POEMA.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1813.

Com licença.

Sciscitanti cælestium causas, domesticus Interpres.

Seneca, Cons. ad Marcian.

PROEMIO.

O Mundo deve aos Conquistadores desgraças, lagrimas, e lutos; o Mundo deve a Newton verdades, sciencia, e luzes. Se inquietar os homens tem merecido tantas Epopéas, porque não merecerá hum Poema quem illustra, e quem ensina os homens? Ah! se chegará o tempo de se conhecer, que huma penna he mais util que huma espada! Canta-se com enfasi quem conquistou huma Provincia, e porque não ha de ser cantado aquelle de quem se póde dizer, que conquistára a Natureza, obrigando-a, á força de estudo, e engenho, a revelar seus mais reconditos arcanos? He preciso que conheçamos que o Imperio da Poesia tem limites muito mais extensos do que até agora se julgava; e eu creio que o seu melhor emprego he a contemplação, e a exposição deste sempre antigo, e sempre novo quadro, que se chama a Natureza. A simples intuição de seus prodigios, e o estudo destes mesmos prodigios, dilata, e

accende mais a imaginação do verdadeiro Poeta, que todas as chamadas grandes acções dos Conquistadores, ou perturbadores da Terra. Se o homem só se deve chamar grande, quando he verdadeiramente util aos outros homens, quem poderá pôr em dúvida que os descobrimentos, e as mesmas hypotheses de Newton sejão mais uteis aos mortaes do que as expedições da Cruzada, que derão a materia ao Poema de Tasso? Quem illustra a humanidade he maior que quem a diminúe. Newton merecia hum Poema, as Musas lho devião, eu satisfiz esta divida; se a satisfiz bem, a critica o dirá; em quanto aos miseraveis reparos da escura Inveja, prepare-se esta, porque a mesma chamma, que se me desprendeo n'alma para cantar Newton, me obriga a consagrar igual tributo de louvor a Buffon.

NEWTON,

POEMA.

CANTO I.

JÁ da Aurora ao clarão suave, e puro
Cedia o campo azul do immenso espaço
D' estrellas recamada a noite umbrosa;
Nuncia do dia, ás lucidas esferas,
Da luz primeira undulações mandava.
Das mãos de neve, e do purpureo rosto
Brancas brilhantes pérolas cahião
No verde esmalte dos rizonhos prados;
De ondas immensas de escarlata, e d' ouro
Era o ceo do Oriente envolto, e cheio;
E pelo espaço liquido dos ares
Os adejantes Zefyros das azas
Da manhã fresca os hálitos soltavão;
E a vaga turba aligera nos bosques,
Dava o tributo dos primeiros hymnos
Da Natureza ao renascente quadro.
Quasi rompia o flammejante disco,
Que onde soberbo, e vívido fulgura,
Prazer espalha, e graças aviventa,

E mostra em luz envolto o Mundo ao Mundo.
Depondo o pezo do voraz cuidado,
(Amargo pezo da existencia minha!)
Eu no prazer do esquecimento envolto,
E, á desgraça esquecido, então pousava.
Do doce somno em balsamos immerso,
Somno em que meiga a Natureza furta
A' existencia mortal trabalho, e magoa;
Eis-que sinto levar-me . . . (e como, e onde
Eu não posso dizer.) Voei nas azas
De arrebatados extasis sublimes.
Sonho, sonho não foi; que mil confusas
Na fantasia imagens apresenta.
Extasi foi sómente, e arrebatado
Eu fui de hum Genio habitador do Olympo,
Que ao pensamento do mortal qu' indága
Abre do eterno arcano eternas portas,
E, n'hum centro de luz, lhe mostra o immenso
Da Natureza o variante quadro.
Do Grande Scipião dest'arte á vista
Talvez n'hum tempo se mostrasse a Gloria,
Que a prosseguir na bellicosa estrada
Lhe manda, e lhe descobre o alto destino,
Que aniquilla Carthago, exalta Roma.
Já pizo o aereo cume, e a luz brilhante
Auri-luzente se diffunde, e espalha.
Como do meio do profundo Oceano
Costuma alçar-se desmedido escôlho,
Que vê quebrar-se nas eternas bazes,
Já languida, e sem força onda espumante:
Se olha do cume as voadoras nuvens,

E os ressonantes tumidos chuveiros,
Se ouve o horrendo fragor do accezo raio,
Sereno permanece, e sente apenas
Que a triste escuridão nas faldas pousa;
E onda, e vento debalde a baze açoita.
Assim eu, levantado á immensa altura,
Hum ar tranquillo e puro, e luz mais clara
Bebo em torrentes, e descubro apenas
Grossas nuvens pousar na Terra inerte.
Eis no gremio da paz serena, e doce,
Se me antolha pizar de Heróes o alcaçar;
Extatico bradando, ah! não, por certo,
Pode ser este o terreal assento!
Hum céo sereno, e Primavera eterna
Celestes flores, e não vistas plantas,
E, cheios de prazer, bosques sombrios,
D' aguas mais puras borbulhantes fontes,
Não por certo não tem mesquinho Globo!
Sem véos aqui contemplo, aqui descubro
Essa invisivel fluida substancia,
Que em torno fecha, e que circunda a Terra;
Que em si nuvens contém, contém vapores;
Que em si tantos fenómenos acolhe;
Que he necessaria tanto, aos sons, á vista,
Ao fogo, á vida, ás arvores, ás plantas!
O' da Divina mão alto, infinito
Poder nunca entendido! Se a atmosfera
Não refrangesse a nós do Sol os raios,
Não se virão brilhar n' azul campina
Em distancia infinita immensos astros:
Nem o doce crepusculo se vira,

Ou quando o mesmo Sol s' esconde, e fóge,
Ou quando n' horizonte inda não surge,
Mas debil raio matutino espalha.
Se volvo aos ceos extático meus olhos,
Vejo proximo o Sol, da luz origem;
O pelago de fogo, a ardente massa,
De que he composto o fulgurante corpo.
He elle o fixo, o luminoso ponto,
Elle o centro commum qu' em torno cercão,
Sem cessar gravitando, aureos Planetas.
A Lua já descubro, e vejo os mares,
Os largos, fundos, procellosos rios,
Que parecem, da terra, obscuras manchas,
Quando a vista de lá nos ceos espalho.
Ilhas descubro, altissimas montanhas,
De cujas frentes escabrosas desce
A luz reflexa, que da Terra eu vejo,
Luz que lhe empresta o fulgurante globo,
Origem della, e do calor origem.
Seu móto vario, e desigual contemplo
Com que mostra em seu gyro incerto o rosto;
Talvez proceda da diversa, e forte
Visivel atracção do Sol, e Terra,
Do eixo obliquo em que se agita, e móve.
Mais vivos que os Planetas, mais brilhantes
Em viva luz aos olhos se offerecem
Em sempre incerta, e variante fórma
Tão vastos, tão excentricos Cometas,
Tardîos em mostrar-se, e sempre infaustos
A' vil superstição do vulgo insano,
Agoiro triste aos pálidos Tyrannos!

São duraveis, e sólidas substancias;
Da mão do Eterno Artifice são obras.
O Nada as produzio, quando na origem
Do Mundo lhe mandou, que fosse tudo.
Não quaes ousou julgar rude ignorancia
Ligeiros fogos de temor objectos,
Sem orbitas, sem leis, sem marcha, e centro.
Quantas contemplo lucidas estrellas!
Quantos Astros centraes! Quão luminosos,
Quantos, quantos satéllites velozes
Em torno delles caminhando eu vejo!
Em tão diversos, tão distantes corpos,
Tão varios entre si, tanta harmonia!
Minha alma se confunde, e se deslumbra
Debil vista mortal. Tudo me opprime,
Eu só prodigios, só milagres vejo!
Entro no abysmo do silencio, e fico!...
Qual o que sóbe do Apenino ao cume,
E alonga os olhos pelo immenso plano,
Onde outr' ora s' ergueo Latino Imperio,
Vastas Cidades vê, ferteis campinas,
E os restos immortaes do fasto, e gloria,
Que inda em quebrados marmores avulta,
Vê longos rios retalhando os campos,
E do Tirrheno mar, d' A'dria nas ondas
Vê nãos altas rasgando o dorso a Thetis.
Depois que ávida vista em scenas tantas
Hum pouco apascentou, turvado, absorto,
Dentro em si mesmo se concentra, e fica
Vastas idéas revolvendo, quantas
Da Natureza, e da Fortuna os quadros

A seus olhos atónitos mostrárão :
Assim eu vejo em quantidade immensa
Surgir das aguas, levantar-se aos ares,
Pelos raios Febeos como attrahidas,
As humidas porções já rarefeitas;
Mais ligeiras que o ar, no ar fluctuão;
Nellas a vida tem, nellas se fórmão
A nuvem densa, as nevoas importunas,
Que, com diversa reflexão de Apóllo,
Que em seu seio refrange o accezo raio,
Variante espectaculo me amostrão.
Dos rarefeitos ares eu descubro,
Que os ventos nascem, (portentoso arcano,
Por tantos, tantos seculos occulto!)
Os inconstantes milagrosos sopros,
(Da bemfazeja Providencia hum grito!)
Pelo inquieto campo do Oceano
Levão de hum Polo a outro ousados pinhos.
Equilibrado o fluido dos ares,
Não os oiço bramir!... Mas quem perturba
A dilatada calma, a paz tranquilla?
Quem rouba ao ar pacifico equilibrio?
Talvez, talvez, que, exhalações rompendo
Do terreo globo, e tenebrosas furnas,
Ou sobre o eixo a rotação diurna
Da Terra seja do prodigio a fonte!
Eis com elles se agitão, se misturão,
As espalhadas fluctuantes nuvens;
Do agudo frio comprimidas, tornão
A seu terreno, e primitivo berço.
Em chuva salutar desfeitas descem;

Ou, se o frio he maior, candidos vélos
Do brando vento conduzidos cobrem
No triste Inverno o campo amortecido;
Ou nas miudas condensadas gotas,
Pelas douradas messes espargidas,
Ao desvelado Lavrador só trazem,
Depois de longo afan, tristeza, ou pranto.
Vejo o accezo relampago medonho,
Oiço o horrendo trovão. vejo o espantoso
Trilho abrazado do sulfureo raio,
Nada a meus olhos se me esconde, nada!
E já de enxofre, de bitume, e nitro
De ácido sal, de alcálicos diversos
Grosso vapor subindo eu vejo aos ares.
Foi do Sol attrahido, o vento o leva;
Com violento impulso então fermenta,
Prestes se accende, subito nos manda
Essa palida luz sempre seguida
D'alto fragor, que faz tremer nos eixos
Timido o Mundo, e precursora he sempre
Da chamma rapidissima, que desce
Com pavoroso estrepito, e que abate
Quanto voando na carreira encontra.
De aspecto muda do vapor a massa,
Nem sempre he raio estrepitoso; eu vejo
As agudas Pyramides, as Traves,
A Seta aguda, o flamejante Drágo
E as que se mostrão lúcidas Estrellas,
Que accezos trilhos n' horizonte deixão;
E esse, usado a brilhar no algente Pólo,
Sem calor vivo, sem substancia hum fogo,

Huns restos são maravilhosos, bellos
Dessas de luz undulações pasmosas,
Que detidas do ar no immenso seio
Fórmão brilhantes Boreaes auroras;
Ao lúcido horizonte em parallela
Linha se mostrão, se mais baixas correm
Ou, n'hum centro commum, s' unem subindo
Até que extinctas as porções sulfureas
Pouco a pouco do ar desapparecem,
Deixando apenas ao gelado Norte
Hum suave crepusculo brilhante.
Se volvo a vista n'outra parte, absorto
De multi-forme côr descubro a nuncia
Da sempiterna paz, Iris formosa,
Que a doce reflexão dos aureos raios,
Unida á refracção sobre miudas
Da fria chuva transparentes gotas,
A septi-forme côr prontos lhe imprimem.
Quantos, quantos fenomenos pasmosos
A luz reflexa nos produz nos ares!
Em tanto objecto o pensamento fixo,
Em tanto objecto extaticos meus olhos
Grandes idéas me despertão n'alma!
Eu, de augusto silencio em sombras fico!
E só do centro de meu peito exhalo,
Não os ais da afflição, do assombro o grito.
Eu sinto, eu sinto hum Deos; não foi do Acaso
A milagrosa producção do Mundo!
Obra só foi do Artifice supremo:
Hum rio origem tem, o effeito causa.
Tantas estrellas lucidas dispersas

Nesta estendida cúpula azulada,
Esta Lua, este Sol, o dia, a sombra,
(Constante alternativa;) a luz, e os ares
São cifras com qu' escreve a mão suprema
De hum Ente Summo, Sapiente, Immenso.
Na flor, na planta, no mimoso fructo,
Nos rostos varios, e animaes diversos,
Nos sons, nas côres, na minha alma o vejo,
Almo thesouro da Clemencia eterna.
Ella enriquece a Terra, e a vejo em tantas
Tão varias producções na especie eternas:
D'alta grandeza sua eu sinto a prova
No fundo abysmo dos extensos mares,
Nos Ceos immensos, na pezada Terra.
Seu Divino saber, tremendo adoro
N'alma belleza dos mortaes objectos,
Nas leis eternas dos celestes corpos
Os caracteres luminosos vejo
D'hum Concelho immortal que rege o Todo,
Na exacta proporção dos fins, dos meios,
Que do visivel Mundo o quadro ostenta;
Tudo, tudo me diz qu' hum Deos preside
Monarcha immenso de infinito Imperio.
A' luz ordena que me aclare, e manda
Ao ar que me sustente, e a vida aspiro.
Elle o calor produz, que o vital germe,
Em successivas gerações conserva:
Elle o dia formou, nelle ao trabalho
O mesmo Rei da creação destina:
Elle a noite produz, com ella em sombras
Da fria Terra a machina sepulta,

Em que o corpo mortal restaure a força,
Com que ao surgir da matutina Aurora,
Torne ás fadigas, aos cuidados volva.
Porque discorro, existo, e eu sinto dentro
De mim que penso sensações diversas.
Quando o incorporeo ser d'alma contemplo
Vejo huma imagem do Motor supremo,
Que quiz que eu fosse a similhança sua:
E não direi, que me sustenta, e rege
Hum Ser universal, hum Nume Eterno?
Ah! da materia o movimento o mostra!
Ella inerte de si, da inercia sua
Não podéra sahir sem braço Eterno,
De cujo impulso o movimento nasce.
  Em taes idéas concentrado estava
Sem olhos despregar do quadro augusto;
Que sempre he novo, e bello, e sempre antigo;
Livro do estudo meu, delicias minhas;
Eis-que descubro no mais alto cume
Do fulgurante Olympo erguido hum Templo,
Cuja sublime estranha architetura
Nem alma a concebeo, nem olhos virão:
De lúcido crystal, alto-esplendente
Se levantava altissima fachada;
Arcos, columnas, architraves, tudo
De pedraria oriental se fórma,
Onde huma luz celestial batendo
Derramava reverberos brilhantes:
A magestosa cúpula fulgura,
Qual de Narsinga o diamante fulge.
Quem dá força a meu estro, e quem sustenta

Meus temerarios sobrehumanos vôos?
Como á Verdade franquear eu devo
Té agora as bronzeas ferrolhadas portas
De crença, a cuja luz não seja avára
A turba indocil do inconstante vulgo?
Longe, longe, ó profanos! *Se tu reges*,
Se tu mesma, ó Verdade, o canto animas.
Se me encordôas Cithara toante,
Para o Templo celeste apresso o passo,
E não receio de mordazes linguas
O golpe fundo, o livido veneno.
No peristilio magestóso, e vasto,
(Eu não distinguo se he mulher, se he Deosa)
Então descubro, que volvendo os olhos,
Em mim pronta os fixou como se ha muito
Naquella Estancia me aguardasse; estende
Formosos braços, e me aperta ao seio.
Soltando a voz angelica me exclama:
Escrito estava no volume arcano
Do immobil Fado, que no Templo entrasses,
Que a Sapiencia levantou no Olympo.
Tu, separado dos mortaes enganos
Da vaidade, que domina o Mundo,
E dando ás Musas o fervente engenho,
Que á grata sombra dos sagrados louros
As horas ganhas da voluvel vida,
E o grão thesouro de profundo estudo
Buscas constante, e com trabalho ajuntas,
Soffrendo o longo afan té quando a sombra
No vasto seio involve o inerte globo:
Hoje das mãos da Sapiencia o premio

Tu deves receber, teu genio enchendo
Não de verso suave, ou brandas rimas,
Com que do mar o vencedor tu cantas,
Que as portas abre do vedado Oriente,
Qu' a Patria d' honra encheo; de gloria o Mundo;
Mas d' excelsa verdade ao vulgo ignóta.

De seus olhos a Deosa amor respira;
Mas tal amor, que penetrava o peito
Sem perturbar do entendimento o lume,
Qual ser costuma entre os mortaes, se he grande!
Eu tinha fitos no seu rosto os olhos,
Com celeste prazer toda a minha alma
Em doces chammas ondear sentia;
A Deosa o conheceo, que mudo, e quasi
Abstracto estava, e do sentido alheio.
Solta hum surrizo dos purpureos labios
E assim começa a me fallar benigna.

„ Tens cheio o coração de ignoto fogo,
A quem mortaes no Mundo amor chamárão,
E a quem puro prazer nos Ceos se chama.
Este puro prazer do gozo alheio
Tóma força, e principio, e tudo a todos
Se apraz de ser, e se derrama inteiro.
Do privado interesse ignora a meta,
E, nem se muda, nem se altera, como
Tantas vezes no Mundo amor se muda.
O proprio amor aos corações innáto,
Que a todas as paixões qu' o peito agitão
Se amólda sempre, e se transforma nellas.
He transvestido amor vossa esperança;
Amor he pertinacia, Amor he magoa;

Amor são todos os prazeres vossos;
De Amor o movimento, os accidentes,
Considerados, são paixões diversas.
Na origem, quando nasce, Amor se chama;
Quando do peito sahe, quando se expande,
E busca unir-se ao suspirado objecto,
Chama-se então desejo; e vigoroso,
Já seguro de si, firme em si mesmo,
Se as azas solta, e se remonta, e sobe,
O nome tem de vívida esperança.
He constancia, se, obstáculos vencendo,
Na mesma opposição mais força adquire.
Quando aos duros rivaes declara guerra,
He sempre Amor; mas chama-se ardimento,
Mil vezes a si mesmo elle se esconde;
Mas neste raro sacrificio he sempre
No altar do coração victima, e fogo,
E Sacerdote Amor, que em si transforma
Quantas no Mundo vê paixões diversas.
Mas tempo he já que teu desejo abaste,
E te descubra o portentoso Templo,
Onde benigno te conduz teu Fado.
Esta, que vêz alçar-se, augusta móle
Encerra dentro em si Filosofia:
Altares alli tem, do monte excelso
Genio a tem feito tutelar os Numes:
Sacerdotes são seus, são seus Ministros
Esses engenhos transcendentes, vastos,
Que tão raro entre vós asylo encontrão,
Sustento, protecção, respeito, escudo.
A Fadiga sou eu; nome tremendo

A quem d' hum ocio torpe os braços busca,
E na mole indolencia a vida exhaure:
Mas he doce o meu nome a quem Virtude,
A quem Mérito apraz. Segue-me, ó filho,
Entra comigo os pórticos do Templo. „
Que gélido suor me banha a frente!
De vêa em vêa penetrante frio
O curso ao sangue fervido entorpéce!
Tremi confuso, e vacillante o passo
Entre contrarios pensamentos movo.
Vi que de Icaro o vôo, a acerba queda
Desse soberbo, e deslumbrado moço,
Que mal regera ignípedes Ethontes,
Eu hia a renovar. Meu alto assombro
Descobre a Deosa, e se doeu de ver-me;
A mão benigna me estendeo, susteve
No meio já do pavimento augusto.
Dentro era d' ouro o consagrado Alcaçar,
De azul celeste a cupula esmaltada,
Onde brilhantes lucidas estrellas,
Quaes Safiras finissimas, se engastão;
Oriental Pyrópo o chão lhe fórma;
E nas paredes (mão divina!) expressas
Admira a vista insólitas pinturas,
Quaes nunca Rafael, quaes nunca ousara
Traçar pincel de Rubens portentoso.
Aqui se vião nos incultos bosques
Ir errando os mortaes sem lei, sem freio,
E quasi extincto o luminoso facho
Da celeste Razão, preza entre sombras.
Alli se admirão simplices viventes

Rudes choupanas levantar primeiro
De annosos troncos, e de seccas folhas,
Onde, quaes féras nos covís, s' escondem
Das injurias do ar, do vento aos sopros.
Neste estado infeliz de hum Mundo inculto
Se dá principio á sociedade humana:
A primeira familia alli se ajunta
A rotear começa o campo agreste.
Nella o pai foi Monarcha, até foi Nume,
Da sapiencia, e da razão guiado,
Alli juntava Sacerdocio, e Reino.
Os Ceos interpetrando as leis promulga,
Que o bem commum da sociedade buscão.
Não era a Sapiencia obscura, e arcana,
Destes primeiros pais, mas doce, e clara
Abria o Templo da vulgar Virtude.
Deste humilde principio, e tão pequeno,
Surgio de Roma o desmedido Imperio;
D' huma cabana s' estendeo no Mundo.
Alli Romulo, e Numa as leis dictavão,
Ao novo asylo universal chamando
Do antigo Lacio indigenas incultos.
Além se via progressivamente
Multiplicar-se sempre a especie humana;
Mas passou mui depressa a idade d' ouro!
A ferrea começou, e além se via
Ir o robusto agricultor rasgando
Com ferreo arado o seio á terra inculta;
Sobre ella s' entornou suor primeiro.
D' estranho tronco as arvores s' enxértão:
Corta-lhe a foice os ressequidos ramos.

Se falta a Natureza, a industria suppre;
Pois quanto as plantas por seu proprio instincto
Ajudadas do *Sol*, ferteis co' a chuva
Nos espontaneos fructos produzião,
A' humana precisão já não bastava.
Então das cultas, pampinosas vides,
Se tirarão primeiro os dons de Brómio:
Então luxo ensinou tingir por fausto
Co' a preciosa purpura de Tyro
Do verme industrioso a tenue baba.
Se a relva dava então tranquillos sônos,
A' sombra qu' espalhava o Freixo aunoso,
E se estancava a sede á lynfa pura
Do serpeante limpido regato;
Vélos se arrancão do innocente armento,
Que ao cançado mortal repousos prestão;
E o liquor salutifero se apúra,
Que restáura o vigor no inerte corpo.
Por buscar novos, escondidos Mundos,
Da nativa montanha então se virão
Cortados abater-se o Chôpo, a Faia:
Já vem nas ondas contrastar co' os ventos.
Para ajuntar as peregrinas merces,
Lá vai duro mortal soltando as vélas,
No elemento não seu, do vento ás iras;
Mortal té agora ingenuo, e qu' outras praias
Não tinha visto mais, qu' as do tranquillo
Regato que lhe corta os patrios campos.
A guerra assoladora, a guerra infausta
Era ignota até alli, e em tristes côres
Alli se via a fervida peleja.

Na bigorna se bate a horrenda espada;
Em dura lança além s' alonga o ferro
Mais avante s' erguia o forte muro;
As torres hiáo topetar co' as nuvens.
Gozava a antiga gente ocio tranquillo:
Ah! que Furia infernal, que monstro horrendo
Trouxe do escuro Inferno o facho accezo?
Que nuvem se elevou sangue estilando?
A raiva, o odio, a inveja o braço alçaráo.
Primeiro a Ingratidáo nas máos levanta,
O ferro atroz, sanguinolenta espada;
E peito a peito, d' ambiçáo levado,
Se combate o mortal; chamou-se gloria
Esse furor brutal, que avilta as feras,
Que poupáo por instincto a propria especie:
Tudo foi sombra, e confusáo no Mundo.
A raiva universal, honra se chama;
Tanto do humano coraçáo se apossa
Que julga estado primitivo a guerra!
Augmentáo-se as naçóes, o estrago cresce:
Sempre o furor de dominar triunfa.
O que era o pai, o Sacerdote, o Nume
Da primeira familia, he já Tyranno!
  De fero aspecto debuxado estava
Sanguinario Nembrot qu' ergue seu throno
Sobre o pescoço das naçóes em ferros.
A Terra se povôa, o facho accezo
Náo s' extingue jámais nas máos das Furias.
Se hum throno se levanta, outro se abate.
Nos mais remotos angulos do Mundo,
Onde existem naçóes, a guerra existe.

Mas entre tantas retratadas gentes,
Que o ferro tem nas máos, no aspecto as iras,
Eu vejo estar em solitario alvergue
Pensativos mortaes, longe, e mui longe,
Em doce paz, do estrepito, e tumulto.
Ao ar, ao portamento, á vista, ao móto,
Subito conheci, que os sabios eráo,
Que as sempiternas leis da Natureza
Em pró dos outros conhecer tentáráo.
Com pertinaz estudo, e prompto engenho,
No grande livro do Universo estudáo,
E com pasmosa distincçáo contempláo
Táo formoso espectaculo, táo vario.
C' os labios semi-abertos, os immoveis
Olhos pregados tem no ethereo assento,
Como que váo buscando o immenso, e certo
Eterno gyro dos rotantes astros.
He esta a ocupaçáo, este o deleite
Do cubiçoso pensamento altivo,
De assombro os enche maravilha tanta;
Curiosidade da ignorancia he filha,
Táo propria, e tanto da mortal essencia;
Sómente ella produz sabedoria,
Quando o veloz enthuziasmo atêa,
E quando observa desusado effeito
Da Natureza, ou Ceo, corre anhleante,
Corre prompta, interroga, observa, indaga,
E tenta descobrir quanto se off'rece
A seu ouvido extatico, a seus olhos:
Vai dos effeitos penetrando ás causas.
Tal presupposto foi de antigos Sabios,

Das cousas todas indagar as ſontes.
Da sciencia o amor, o amor do estudo,
Entre os Sabios se diz Filosofia.
Curiosidade, e ocio, á Deosa derão
(A quem he consagrado o Templo) a essencia.
A's inda feras indomadas gentes,
Mal acolhidas na choupana humilde,
Communicou seus raios luminosos.
Fez-lhes vêr de si mesma a imagem pura,
Apenas observou que accezos olhos
Na abóbeda dos Ceos apascentavão,
Do sempiterno braço contemplando
Essas sem fim maravilhosas obras.
Depois que em tanto quadro a vista absorta
Acabei de deter, novos objectos,
Minha alma toda subito me levão.
Eis esculpidas novas maravilhas,
Nos aureos muros assombrado vejo.
Sobre hum turquino fundo auri-luzente
Fixas sempre n'hum ponto estrellas brilhão,
A cujos lumes, trémulos, suspensos
Pelos bosques Caldeos vejo os pastores,
Imprimindo signaes na mole arêa,
Da sabia Geometria as leis primeiras.
(Dura, afanosa sapiencia, quanto
Tu sabes levantar o engenho humano!)
Co' a frente envolta em sombra além correndo
Eu vejo o vasto fluctuante Nilo
Do pingue Egypto os campos retalhando,
Vejo-lhe em torno industriosa gente
Medindo-lhe a compasso as turvas ondas,

Esperando que o Ceo constante, e meigo
O retorno annual decrete ás aguas;
E, em quanto o interesse, em quanto o Genio
Dividem entre si fadiga, estudo,
Recebe nova luz Geometria.
Qual costuma romper d'alpestre rócha
Limpida fonte, e serpeando o campo
Por entre as pedras vai com doce, e grato
Continuo estrondo alimentando as flores;
C' huma fonte depois, depois com outra
Sempre augmentando a crystalina vêa,
Que cresce, e passa a lucido regáto,
E, recebendo d' outros mil tributo,
O fundo leito alarga, e já bramoso
Aqui começa a se fazer torrente,
Espuma, e freme, e se arrebata, e foge,
De tanto, e tanto feudo enriquecido,
E soberbo de si no fundo Oceano
Lá chega, lá confunde o nome, as aguas:
Tal do seio da immensa Natureza,
Escuro seio, pouco a pouco trouxe
O humano entendimento a luz brilhante
E dest' arte raiou Filosofia,
Que foi por longos seculos juntando
D' alma sciencia o perennal thesouro,
Suave fructo da innocencia antiga,
Ah! tão buscada em vão na idade nossa!
Em que fogo maior, mais viva chamma,
Que essa que a boca do Vesuvio exhala,
No seio do mortal fomenta o crime.
Esse inquieto, e vil ferreo desejo

De possuir incommodas riquezas,
Que partilha não são, por máo destino,
Do que apascenta o coração tranquillo
Na posse ingenua das sciencias todas:
Com pertinaz estudo se augmentárão;
E do existente Mundo as leis, e as bazes
Forão continuo emprego á mente humana:
Mas nada lhe abastou desejo accezo,
Que tão vivo cresceo, qual cresce o vasto
De pequena faisca immenso incendio.
Quando fixo encarou bellezas tantas
Lançou-se aos Ceos com generosos vôos,
E dos astros o influxo, e o vario aspecto
Ouzou descortinar, no eterno curso,
Pelos ermos do espaço os foi seguindo.
E soberbo de si, não satisfeito
A seu profundo, e vasto pensamento,
Co' a tócha acceza da Rázão diante,
Abre, piza, franqueia ignóta estrada,
Que mais, e mais se aplaina, e mais s' estende
C' o porfiado estudo, e os homens leva
Ao Templo augusto da immortal Verdade,
Que escondido não he qual foi primeiro.
Ella pôde encantar Genios sublimes
Cujas imagens em perennes bronzes
Em si conserva o magestoso Alcaçar:
Oh! mui feliz Entendimento humano:
Se em taes indagações, se em taes estudos
Aprende a conhecer, e amar o Eterno
Só de bens larga fonte, immenso Oceano!

Fim do I. Canto.

NEWTON,

POEMA.

CANTO II.

DA Sapiencia antigos amadores,
Os Sacerdotes do celeste Nume,
Ao sacrosanto Templo alto ornamento,
Com seus bustos em porfido formavão
Do magestoso altar decóro illustre;
Puro, innocente altar, onde a profana
Mão despiedada dos mortaes infrenes
Nunca pozera victimas de sangue,
De que tanto se apraz da guerra o Nume,
Que o cego Fanatismo, ah! tão frequente!
Nas torpes aras da Ambição degolla.
São incensos aqui puros affectos,
E o remontado pensamento os votos;
São offerendas extases sublimes,
Vôos da mente, que s' eleva aos astros,
E corre o immenso espaço. Aquella Deosa,
Que o berço tem nos Ceos, qu' he dom dos Numes,
Que he mãi das Artes, e inventora dellas,
De magestade, e de belleza cheia,

Taes holocaustos no seu seio acolhe.
Vi, (qu' assombro!) de luz cercado o vulto
Do primeiro mortal, puro, innocente,
Qual já das mãos do Creador dos Mundos
Sahio primeiro, e dominou na Terra.
Do Divino saber nasce ensinado,
Das cousas conhecia a essencia propria,
Impoz o proprio nome aos seres todos.
E junto delle fulgurando estavão
Em menos viva luz seus tardos netos,
Que delle, como herança, alta doutrina
N'huma idade de seculos colherão:
De labio em labio aos pósteros a mandão
Té qu' horroroso, universal Diluvio
Fez que de todo agonizasse o Mundo.
Via logo a Noé, que intacto surge
Do lenho guardador da especie humana:
Aos filhos seus dos fulgurantes astros
O aspecto, o moto, as posições ensina.
Sublime Sapiencia, e douto estudo,
Que tão illustres fez, depois da obscura
Confusão de Babel, nações diversas,
O innocente Caldeo, o Arabe experto,
Do Nilo o morador mysterios todo,
E o Persa audaz idólatra do fogo.
Descubro a Prometheo, e o velho Atlante
Em que a verdade a Fabula reveste
Da Poesia co' as brilhantes côres.
Hum, com fogo dos Ceos, anima o barro;
Outro o pezo sustem do excelso Olympo.
Vejo o profundo Trimegisto, e vejo

O sublime Cantor harmonioso,
Que de Troia a catastrofe nos pinta,
Que, em brando verso, imagens lizongeiras,
Da Sapiencia os pennetraes nos abre;
A idéa em si contém das artes todas.
Pelas margens do Indo, e turvo Ganges
Meditadores Brâmenes diviso,
Que em sombra muito espessa a luz envolvem,
E a verdade entre symbolos nos dizem.
A Confucio Chinez descubro, admiro,
Que a voz escuta á sabia Natureza,
E firma o summo bem só na virtude.
Tres Zoroastros, que nas sombras plantão
Luminoso fanal, que á Persia, e Egypto
Das Artes para o Templo a estrada aplaina.
Logo dois immortaes cantores vejo,
He Lino, e o doce Orfeo, que a Lyra d' ouro
Com tanta fez soar maga harmonia,
Que doceis se tornou troncos, e penhas,
Que do cáhos no escuro horrendo centro,
Principio do Universo, Amor plantarão.
Pensativo Beroso alli contemplo,
A quem de Athenas a famosa escóla
Estatua alevantou d' ouro mais puro.
A par delle he Chilon, que o dia extremo
Sem pena, sem temor contente encára.
Do tyrannico sangue alli manchado
Pittaco á morte sobranceiro existe.
Legislador Solon de brando aspeito,
Que com vasto saber enlaça Astréa,
E ás leis soube juntar Filosofia;

Dos bons Monarchas o modello he este!
Depois Zaleuco vi, depois Carondas,
Ambos com justas leis Sicilia exaltão.
No meio bem do taciturno alvergue
De Pythagoras sabio o vulto admiro,
No rosto, e ar mysterioso em tudo,
Que da Unidade, ou centro aos seres todos,
A origem fez sahir, principio, e causa.
Cleóbulo descubro, elle a formosa,
Sabia filha gentil conserva ao lado,
Que da engraçada boca em aureo rio
Eloquente entornou Filosofia:
Ah! nunca aos homens se mostrou tão bella!
Admiro mais além Biante o sabio,
Que digna só julgou de humano estudo
Moral, que na virtude a alma levanta,
Em sua mesma magestade occulta,
Deixando a Natureza, enigma escuro,
Indecifravel aos mortaes mesquinhos
Em quanto em fragil barro a alma se prende.
Periandro alli vejo, e vejo o Scyta
Anacharsis, Filosofo profundo,
Cujo nome immortal materia, e fama
Deo neste ferreo tempo ao douto escrito,
Que a Grecia em si contém, co' a Grecia tudo.
Vejo a Misson, que symbolo o destingue?
O nobre, e nobre só proficuo arado,
Que o seio rasga á terra agradecida:
Delle se peja a estólida vaidade;
Do Filosofo á vista he mais que hum Ceptro:
Na cultura do campo o sabio he grande;

Nem pode o estudo ter mais digno objecto;
E nunca outro mister, nunca outras artes,
Com mais afan buscasse o engenho humano!
Celeste Agricultura, oh digno emprego
Té do mortal primeiro inda innocente!
Eu distinguo Epiménides, que deixa
A escondida caverna em que medita,
Aos homens vem mostrar da luz os raios
Ferécides, Bericio, e aquelle observo,
Que a Frygia vio nascer sublime, e douto,
Que em lizongeiras fabulas esconde
Quantas depois lições do justo, e honesto
O Pórtico sublime, a Estóa derão.
Thales descubro então, brazão da Jonia,
Que he da primeira escóla excelso mestre,
Que á Grecia deo lições, deo luz, deo tudo
Quanto soube alcançar de Astronomia
Do protentoso vidro o olho despido.
Elle primeiro do Solsticio o ponto
Sobre a Terra observou, e elle primeiro
Predisse aos homens pavoroso eclypse,
Que rouba a luz á Terra, e a paz ao peito,
Deste mysterio assustador ignáro.
Elle o principio assignalou do Todo,
O humor aquoso que circunda o globo.
Vejo Archeláo, Anaximandro admiro;
Este infinita julga a Natureza;
(O' Portuguez Hebreo, tal foi teu erro!)
Aquelle julga que as primeiras causas
Só são da geração calor, e frio.
Anaximenes do Orador Romano

Sempre admirado, alli contemplo, admiro,
No móto eterno da substancia eterna
A essencia poz de hum A'rbitro supremo,
E deo ao Mundo por principio immenso,
A substancia do ar, vasto, infinito.
O profundo Anaxágoras diviso,
De fundos olhos, de enrugado aspeito
Prolixa barba, atenuado corpo,
Que ardente pedra incombustivel julga
O luminoso Sol. Vai branco, e curvo,
Calva a rugosa frente, a tez sombria,
O protentoso Sócrates, o justo,
(Quanto o ser pode a Natureza impura)
Attento sempre ao movimento interno
Do humano coração, regeita, e mófa
Dos vãos systemas fysicos do Mundo,
Que á mente dos mortaes ignotos deixa,
E s' apraz de deixar Motor Superno.
Só da austera moral segue as pizadas,
E avezado o mortal ás vans idéas
Da vacillante Fysica o procura
A estudo reduzir da essencia propria.
Só quando o homem se conhece he sabio!
Vejo Aristippo, Antísthenes descubro;
Hum busca o summo bem no inerte, e baixo
Prazer que encanta os corporaes sentidos:
(O' lisongeiro do soberbo Augusto,
Teu systema tal foi, teus aureos versos
Aristippo sómente, e Amor respirão!)
Porém, mais sabio Antísthenes encontra
Só d'alma no prazer, ventura extrema;

Este o primeiro da assisada turba
Do Cynico mordaz. Crates contemplo,
Que julga inutil pezo a vá riqueza,
E no abysmo do mar com ella esconde
O inquieto temor, voraz cuidado.
Alli Monîmo admiro, e Zeno, e Hiparco,
Vejo a vagante habitação do Sabio
Diógenes pasmoso, e alli defronte
Em pé contemplo o assolador do Mundo;
Da esquerda parte inclina hum pouco a frente,
E a fluctuante clámyde lhe arrastra;
Pende-lhe ao lado o ferro, e delle em torno
Calisthenes contemplo, e mudo, e quedo
O grande Efestião. Elle alça o braço
De quem Persia se teme, e teme o Ganges,
E ao pobre habitador da cuba off'rece
Seus thesouros, seus dons; tranquillo, e grande,
Só lhe pede que ao Sol não véde as luzes,
Nem lhe tolha o calor que ao frio, inerte
Corpo negado tem Frugalidade.
Se houve grande Filosofo, he só este!
Com taes lições, já Menedemo he grande,
Que hum só bem conheceo, e he só virtude.
Euclides vejo, e Pontico, avezado
A' contumaz contradição de tudo.
Vejo Estilpon magnanimo, que a intonsa
Cabeça traz, e descoberta sempre:
Pobre o vestido tem, e os pés descalços,
Com elles piza a vaidade, o fausto,
E quanto pede o coração lhe nega.
O' grande Preceptor do ingrato Nero,

Se isto náo foi teu animo sublime,
Ah! sáo por certo teus escritos, isto!!
  Diofantes, Apolonio, eu bem destinguo,
Tem nas máos o compasso, e tem na terra
Immoveis sempre os encovados olhos;
Alli descreve as trabalhosas curvas,
E além disto náo mais surge esta idade;
Náo foi mais Galileo, nem mais Des-Cartes!
De Estoico rigor seguindo a trilha
Eu vejo envolto em seus possiveis Zeno.
De veneravel rosto accezos olhos
Eu descubro a Platáo, Platáo que o Nume
Nos objectos que vê, contempla, adora;
Que a novo Amor dá luz, e alegre espera
Que a seu astro natal sua alma torne.
O' sublime doutrina, ah tu podeste,
Dentro da Escóla de Florença outr'ora,
O eloquente escutar Policiano;
Se as letras tem na Europa apreço, estima,
Se em seu amor se me embranquece a frente,
A táo sabio mortal, táo grande o devo!
Este o tributo, que meus versos pagáo:
Que mais te posso dar? Teu nome he tudo.
  Vejo Espeuzipo imitador da grande
Virtude illustre de Platáo sublime:
Teve commum com elle, o estudo, o sangue;
E a baze eterna lança á Academia,
A quem deo nome o milagroso Tullio.
  Da belleza inimigo, e da ternura
Xenocrates descubro austero, e triste,
Vergonhoso baldáo da especie humana,

Que, nem ao mago scintilar d' huns olhos
Nem ao surrizo de purpureos labios
E ás aureas ondas de madeixas d' ouro,
Sente no peito a Natureza toda,
Q' até do fundo abysmo aos monstros feios,
E sanguinario Tigre, amar ensina.
O pertinaz Arcesiláo na escóla
O segue, duvidando, a alma suspensa
Entre a diversa opinião conserva.
A imagem de Carnéades descubro,
Da nova Academia he timbre, he gloria
Cuja alma excelsa da verdade indaga,
Entre o provavel sempre, a estrada incerta.
Pythéas vejo que do antigo Sabio,
A quem Samo talvez já déra o berço,
Vai seguindo as pizadas, e se julga
Continuo habitador de corpos varios.
Este aos ceos porporção, este a medida
Primeiro assignalou; dos aureos astros
Para hum centro commum conhece o méto
Naquelle antigo symbolo mostrado
Da septicórde auri-sonante Lyra,
Que Febo tem nas mãos, q' o Vate inveja;
E se lhe antolha, que escutava ao perto
Sempiterna, multiplice harmonia,
Da Esfera portentosa alto-brilhante;
Talvez nelle encontrasse o germe, a fonte
De seu systema de attracção, sublime
Infatigado explorador Britano. . . .
Meditador Empédocles já vejo;
Que julga (ó fraco dos mortaes discurso!)

Suor do terreo globo o vasto Oceano;
Se este, se este não foi, Buffon facundo,
Esse teu vapor humido, que a Terra,
Destacada do Sol, e ardendo em fogo
Ao mais subido d' atmosfera exhala,
E cahindo de lá se fórma em mares!
  Do Italico saber brazões sublimes
Tidas, e Architas fulgurando admiro;
Ambos julgavão cada estrella hum Mundo.
Suspenso pelo ar alto infinito,
Onde hum astro central preside a muitos
Rotantes globos, q' em si mesmo opácos
Reverberante luz delle recebem:
E no globo gentil da argentea Lua
Mares, selvas, montanhas supozerão,
E de ser pensador fecundo alvergue.
Este nas margens do revolto Sena,
Que hoje escravos só vís, só ferros banha,
Teu pensamento foi, sublime engenho;
Quando d' hum Mundo n' outro Mundo ignóto
Levaste a passear matrona imbelle,
Do prazer filosofico em ligeiras
Azas de accezo enthuziasmo ouzado.
Tal foi a idéa de profundos sabios,
Que tão soberba opinião vestírão
Das côres da razão, qual tu fizeste
Nessa pasmosa extatica viagem
Com q', ó profundo Képler, te lançaste
Por entre os astros aos confins do Todo.
Na escura tez Prothagoras conheço,
Que entre sophismas envelhece, e nega,

Oh! sacrilega audacia! hum Deos ao Mundo.
Nem vê na grande architetada mole
De hum Ser eterno a mão reguladora!
  Cheio de assombro, e maravilha fito
Na imagem de Demócrito meus olhos;
Abdera o vio nascer, e a mente excelsa
Na grande esfera da sciencia entranha.
Vejo a par delle Heraclito, que chora
Ao triste aspecto da miseria humana,
Em quantó aquelle no incessante rizo
Com soberba indiscreta o Mundo insulta:
Ambos no excesso opposto hum erro abrange.
  Vejo a Pirron que pertinaz duvîda
Do que tem da verdade o cunho impresso;
Muda sempre de côr, muda de aspecto,
He duvidoso, e vacillante sempre;
Filosofico orgulho, e quanto, e quanto
Se fecundou teu germe em peito humano!
Teu scepticismo do erudito Baile
Os escritos manchou, q' espalhão sombras
N'hum ponto unindo o verdadeiro, o falso!
  Entre guerreiras machinas envolto,
Entre abrazadas nãos vejo Archimedes:
Cheio de palmas, de laureis lhe chora
De Siracuza o vencedor, a morte;
Foi esta a vez primeira, ó grão Marcello,
Que sobre a Terra fez Heroes o pranto!
Illustre pranto, que aligeira ao Mundo
O ferreo jugo do Latino Imperio!
  Eis descubro Epicuro, o vulgo insano
Nelle descobre hum ímpio, eu vejo hum sabio

Frugal, modesto, taciturno, humilde,
Que d' alma no prazer, puro, e sincero
Suprema quiz constituir ventura.
Entre viçosas arvores se assenta
De hum ameno jardim; medita, ou finge
Os infinitos átomos no vácuo,
D' hum laço casual produz os Mundos.
D' alma foi erro, e da vontade engano
Não passa ao coração; tranquillo, e puro
Ama a virtude. O' Seneca, foi este
Teu pensamento quando instrues Lucilio.
Mas erraste; he chimerica a virtude
Em quem della não vê n'hum Deos a fonte:
Quem no acaso conhece o author do Mundo,
Se não erra, e blasfema, então delira!
Eis d' Estagira o Genio, eis o prodigio
Talvez, talvez maior q' a Grecia vira.
Do Mundo he mestre, a Natureza he sua,
Não se confunde o Peripáto, e elle:
Elle foi luz, o Peripáto he sombra.
Não he seu mór brazão ter visto o Mundo
Do Mundo o vencedor posto a seu lado,
Pois de Alexandre, que conquista a Terra
Só devia Aristoteles ser mestre.
He seu tymbre maior ter da sciencia
Quasi o infinito circulo corrido.
Inda em seus livros q' a ignorancia altera
(Ignorancia dos Arabes soberba)
Saber encyclopedico descubro.
Se hoje tudo he Buffon, se Plinio he muito
Senão fora Aristoteles, não forão.

Bem como hum Nume ao Mundo as bazes lança
Quando no instante productivo o manda
Sahir do centro do confuso cahos;
Assim das artes, das sciencias todas,
Quasi no cahos da ignorancia envoltas,
Lança o grande Aristoteles as bazes.
Quando deixou de perseguir o Mundo
A Sapiencia, o merito, a virtude?
Tristes aves da noite a luz odêão:
D' Athenas Aristoteles se esconde,
Em voluntaria morte azylo encontra.
Na sublime cadeira então se assenta
(E alli brilhando estava) o douto, o grave
Da Natureza interpetre Theofrasto;
Desgraçado Calísthenes lhe escuta
As sublimes lições, e o grande Eudemo,
E a respeitavel multidão dos Sabios,
Affeitos sempre a passear pensando.
Do Tybre a escravidão, do Tybre os ferros
Tornão de Athenas, e Corintho o fasto
Em pobre aldêa, ou lastimosas cinzas:
Eis se transplanta a Sapiencia a Roma;
E, se da Gloria o Templo as armas abrem
A seus grandes Heroes, tambem seus Sabios
No eterno Templo da sciencia eu vejo.
Entre todos mais luz, talvez mais clara,
Que a que se espalha dos Argivos bustos,
O protentoso Cicero derrama!
Nenhum Sabio formou do Eterno Nume,
Entre as sombras Pagans, mais alta idéa!
Elle incorporeo, immenso o considera

De eterna Providencia, Amor eterno
Existente por si, e author do Todo.
Por certo entre os mortaes nenhum té agora.
Tão profundo saber juntou co' a rica
D' aurea eloquencia exuberante vêa!
Do Epicurêo Lucrecio então descubro
O pensativo, e descarnado aspeito:
O centro tira do Universo, e Mundos
Infinitos julgou no immenso espaço.
Alli vejo Epitéto humilde escravo,
Mas entre os sabios soberano, e livre;
Cuja fragil alampada hum thesouro
Entre as joias valeo da antiga Roma.
Vejo o vulto de Seneca, seus olhos,
De huma luz ardentissima, levanta
Meditabundo ao luminoso assento;
Piza as salas fataes d' ébano, e d' ouro,
Onde o sangue materno hum Nero entorna,
Onde jaz de Germanico o cadaver
Seneca o monstro louva, e s' entristece:
Dependencia d' hum throno a quanto obrigas!
Pequeno em obras he, grande em sciencia
Elle a vida antepoz ao justo, ao pejo
Por ella perde de viver as causas:
Mas em seu gremio o tem Filosofia,
Só porque disse q' ás acções internas
He presente hum juiz, presente hum Nume.
Roma nelle acabou. Na foz do Nilo
Imperial Alexandria surge;
Ella produz o Eclético Potámon,
No Templo vejo fulgurar seu rosto.

Da bella Hipacia a formozura brilha ;
Eloquencia, e saber da boca entorna
Entre suaves halitos de rozas ,
Que transportado Origenes lhe escuta.
Em sua escóla Próculo se exalta,
Amónio, Celso, Jamblico, e Porfirio,
Que mal sabido Platonismo illude.
Vejo n'hum throno, sobranceiro a muitos,
O magestoso vulto auri-esplendente
Do novo Tullio, o fluido Lactancio,
Talvez maior, que o Consular de Arpino.
Não era longe delle, em sombra envolto
Da prizão melancolica, Boecio;
Vai banhando os grilhões d' amargo pranto
Té que raiando vio Filosofia,
Que as sombras rompe, as lagrimas lhe enchuga.
Profunda escuridão, profundo luto
No vasto Imperio das sciencias pousa;
Onde apparecem Vandalos, acabão.
Quaes vemos entre nós do Sena os monstros,
Que vem das artes derrubando os Templos;
Vem do gelado, tenebroso Arcturo
Bando, de morte, e de ignorancia armado,
Apenas ficão gárrulas escólas,
Que hum só busto não tem no eterno Templo,
Té que dos gelos de Sarmacia surge
Copérnico immortal, este o primeiro
Que alli se manifesta, alli fulgura
Entre os astros envolto, entre as esferas:
Vio Sol immobil, vio rodar a Terra,
E apenas o immortal pasmoso escrito,

Ao respeito dos seculos entrega,
O templo augusto da sciencia todo
De protentosos sabios se povôa.
Eis se me amostra Galileo, dos astros
O novo Cidadão, tem curva a frente,
E descarnadas mãos co' as vís cadêas.
Cinge-lhe Jove na enrugada testa
As q' elle achára incognitas estrellas.
D' antiga Resia vejo o alto ornamento,
He Bernúlli immortal. Na margem fria
Do discordante Baltico diviso
O grande author das Mónadas, q' encontra
No composto mortal mága harmonia
Entre a composta, e simplice substancia.
Nascido a meditar, modesto, e mudo,
Da nebulosa Hollanda em canto escuso,
Do grão Des-Cartes magestoso vulto
Entre as sombras, e a luz plantado admiro.
Hum globo tinha aos pés nas mãos hum facho
Q' ao globo espanca a tréva da ignorancia.
Legislador sublime além brilhava,
Verulamio infeliz, primeiro as portas
Da recatada Natureza abria.
O desprezado á cinte, e ignoto a muitos,
O frugal Espinosa aqui surgîa. (*)

(*) Deve entender-se o termo -- frugal -- no sentido proprio de sustento parco; pois diz Collero, que se sustentava de sopas de leite, e passas, e era tão modesto nos vestidos, que trajou sempre de preto, e de mui grosseiro panno; respondendo ao Gran Pensionario da Hollanda, que lho estranhou -- Que o edificio humano escusava ricas armações.

Errou que he homem, mas errou com elle
Toda a escóla Eleática, e tu mesmo,
O' Seneca immortal, com elle erraste:
E Campanéla, e Bruno, e a nós mais perto,
Contradictorio Miraband, deliras.
Mas quem, profundo Hebreo, te nega engenho?
Em força d'alma hes unico entre todos
Dos que além penetrar julgáo que he dado
Do que foi dado a pensamento humano.
Eu te posso impugnar, e outros te insultáo.
Talvez eu sorte igual no Téjo alcanço
Náo penetrando da Sciencia o Templo,
Porém no ingénuo dom d' ingenuos versos,
Que a si por premio tem, por méta a Patria:
Béja te deo teus pais, teu berço o Douro:
Alguma cousa tens commum comigo.
 Alli d' Obergio, Mallebranche, e Locke
Os aureos bustos luminosos via,
Que em transcendente fluido brilhante
Para hum Mundo ideal seus passos guiáo,
E, as sombras methafisicas rompendo,
Sem fallar ao sentido ás almas fallão.
Abrindo o geometrico compasso
Quantos talentos assombrosos vejo!
Entre o Germano agudo, e ameno Franco
Do Italico saber vejo os milagres.
O que Diofante, o que Apolonio excede,
Do gráo Toscano a par, brilha Viviani.
Sexo, sexo gentil, na Italia hes grande;
Nos Labyrinthos do profundo Euclides
A formosa Ardighelli, e Agnezzi entraráo

Outra Laura maior, q' essa, que outr' ora
Do vate, todo amor, deo força á Lyra,
Nos penetraes da Natureza entrando,
A Spalanzani explica altos mysterios.
Com ella Boscovìch subiste aos astros.
Não te vence hum Maraldi, e nem Cassini:
Talvez, talvez, que a formosura as graças
Me pareça que dão luz ás sciencias.
Algaroti, teu vulto alli contemplo,
Tão grato foste ao Salomão do Norte;
Porém mais grato a mim, e ás artes foste.
Entre o fulgor da purpura mais brilha
Do grande Passionei a excelsa imagem;
Issocrates te cede, inda que venha
Do grão pezo dos seculos seguido;
Não tem que oppôr-te, ou q' igualar-te o Sena,
E menos tem q' equiparar-te o Mundo
Encanto omniscio, universal Roberti:
Não me cega a paixão, q' ao Tibre eu guardo,
Nem o clarão de Italica sciencia
Tanto me cega, e me deslumbra tanto,
Que não veja raiar no Templo augusto
D' Anglia, e Germania os protentosos sabios.
Alli d' Hobbes descubro a imagem triste;
Alli vejo Stanley das Artes Livio;
E o que nasceo para illustrar o Mundo
Desde o frio Danubio, o grão Bruckéro;
E Kant, a si clarão, e enigma a todos.
Alli brilhava Degerando illustre,
Que em mui douto suor banha os escritos,
Que eterno fazem nos umbraes da Gloria

De ti, Filosofia, ávido amante.
Meigos olhos lançou tambem no Téjo
(Quando ha de, ó Téjo, conhecer-te o Mundo?)
E, entre inda sombras Arabes descobre
O profundo Vernei, o ameno, o rico:
E, que dissera se encontrára hum Nunes;
Astros, astros do Ceo, prendeo-vos elle
E, o subtil instrumento ao nauta entrega,
Ao nauta Portuguez, senhor dos mares:
Sem elle Cook o globo ah! não cortára!
Mas lá foi Magalhães sem elle, e cerca,
Porque a si se levava, o mar, e o Mundo!
Tu nos meus versos mofarás do Lethes,
E a gloria que te nega a Patria ingrata
Em suaves canções te outorga hum vate.
Ah! permittira o Ceo, q' o preço humano
A' morte não pagára alma tão grande!
Eu não deprimo o merito, o talento;
Naquelle alcáçar resplendente estava
(Deposto hum pouco o Tragico cothurno,)
O florido Voltaire, Sceptico illustre,
Emilia tinha ao lado, Emilia o tymbre
Talvez maior do feminil engenho;
Com ella corre a passear nos astros.
Eu lá vejo Nollet, Brisson descubro.
Salpicado Bailly de fresco sangue,
Indagador Sonnini a quem Fortuna
Se honras na vida deo, na morte as néga;
Vive em sciencias, na pobreza expira.
Além dos mares a Franklîn descubro,
Que o raio foi prender nas mãos de Jove.

De Prussos vejo o busto; o nome ignoro,
Ou barbaro talvez não cabe em versos;
Aurea lingoa do Téjo em vão procura
Em seus cadentes numeros suaves,
E na Lira ajustar, que a Grega imita,
Os acres sons dos Hyperboreos nomes:
Mas não faz dura a metrica harmonia
O teu nome ó Linneo, tu sacerdote
Do Sanctuario d' alma Natureza;
Alli vejo teu busto, alli cercada
A frente tens de peregrinas plantas,
E tu, qual novo Adão, dás nome a todas.
Hum ramalhete de purpureas flores
A Europa, a Lybia, a America t' off'rece;
A Asia de tantas maravilhas chêa
Das margens do Mecón, do Ganges, do Indo
Grinaldas te prepara, e lá tas manda,
Tão bellas quaes as pinta o China astuto:
Ceilão entre seus balsamos as tece.
E o suave vapor, q' a Aurora exhala,
Lá no berço onde nasce, e espalha rozas,
Em dourados túribulos te invia.
Não tiverão os Reis, tributos destes!
Ao poder se negou, dá-se á sciencia.
Maior gloria me chama, hum novo busto
Que entre todos maior, mais luz derrama.
Este he Buffon, que não mortal parece.
He seu louvor, universal silencio:
Nem lingoa humana diz, nem mente abrange
Tudo o que foi Buffon; contemplo, e calo.
Se he mais q' a Poezia, he mais que humano

Rafael co' os pinceis, Buffon co' a lingoa....
Só Natureza he mais, porq' elles morrem,
Morte, não ella, taes rivaes supplanta.
Só Newton he maior; que entrego a palma.
Não ao que pinta, ao que conhece as causas;
Se este he só venturoso, este he só grande.
  Com tanta luz atonito, e suspenso
Volvo os olhos de hum lado, e bem no meio
Do magestoso Templo o altar estava.
Por argenteos degráos se avança e sobe,
Mas com trabalho, á baze alabastrina.
Alli sentada -- Experiencia -- estava.
Eu prompto a conheci no rosto antigo
Na longa veste, e diamantina tarja,
Em q' esta li gravada, aurea sentença:
„ Das cousas mestra eu sou, dos homens mestra „
N'hum quadrado Geometrico se assenta
O sacrosanto altar, e em cima posto
Vi como hum vaso de alabastro puro,
Que não de Fidias o cinzel abrira;
Teve artifices dois, Estudo, e Tempo.
Do seio lhe rompia etherea chamma,
Q' ante o Nume brilhando aos Ceos subia
Inextinguivel lampada, que os annos
Váo augmentando progressivamente.
Formáo á Deosa os seculos hum throno
Mais que os rubins precioso, e mais segura
Materia tem, que o sólido diamante.
Tem cheio o rosto de viveza, e graça,
Que amor no humano coração desperta,
Que encadêa a vontade, a alma levanta.

D' estatura commum se me antolhava;
Mas logo a vi subida até co' a frente
Ir topetar na abóbada do Templo.
De fios subtilissimos tecidas,
Mas de materia indissoluvel, eráo
As vestes q' ella traja, e que formadas
Foráo por ella mesma, obra pasmosa,
Que do candido pé, ao collo eburneo
Forma diversos gráos: hum véo sombrio
(Por máo proterva lacerado em parte)
De negra antiguidade a envolve toda
Nas máos tem livros de diversas lingoas,
Onde eleva tambem dourado sceptro.
Pasmado, á quasi omnipotente Deosa
Todo me inclino, a magestade acato.
Titubeante, e tremulo dest' arte,
Soltando a voz hum pouco, á Deosa fallo:
,, O' tu do estudo emprego, ó Madre excelsa
Da intelligencia dos arcanos todos
De que he fecundo o Ceo, fecunda a Terra;
Tu da verdade indagadora, e facho
Luminoso da vida. O' tu do vicio,
Tu da ignorancia rispido flagello;
Tu, q' hes tudo ao mortal, q' hes luz, q' hes vida,
Ante os teus olhos me conduz Fadiga:
Misero Vate eu sou, no peito acôlho
Desejo de saber: sempre afanoso
Apoz a imagem da verdade eu corro;
Mas a alma envolta em sombra, em sombra os olhos,
Enigmas vejo só, eu palpo enigmas:
Sentir, gozar, náo perceber, he esta

Da existencia mortal partilha, e obra....
Mas qual te vejo, ó Deosa, e q' orgulhosos
Amadores te cercão! Que ignorantes
Do acatamento q' a teu lume immenso,
Deveo sempre guardar o engenho humano!
Deve, qual pobre, pequenino rio,
A quem agua não deo caudal torrente,
Correr tranquillo, e murmurar nas pedras,
Ao Pastor innocente, á Ninfa ingénua
Objectos de prazer offerecendo.
Mas o desejo audaz, e o louco orgulho
O torna rio impetuoso, e bravo
Soberbo, ufano vai d' agua não sua.
Eis se despenha, qual torrente Alpina,
E os campos cobre furioso, e turvo;
Leva comsigo os troncos, leva os gados,
Leva o Pastor, e a misera choupana,
Té que cesse do ar fecunda chuva:
E, serenado o ceo primeiro orgulho
Então depõe deixando a marge enchuta. „
Mais quizera dizer eis q' o grão Nume,
Fitos em cuja frente eu tinha os olhos,
Soltou dos labios divinal surriso,
E, doce voz alevantando, exclama:
„ Podem, meu filho, eternizar no Mundo
O mesquinho mortal meus dons sublimes,
E as idéas altissimas, e claras,
Q' eu co' mão destra na sua alma imprimo;
Comigo, e o sentes tu, do pezo humano
Se livra, se desfaz o entendimento;
Ao alto sobe, e se remonta, e chega

Comigo aos claros Ceos, comigo entende
Mysterios profundissimos, e entra
Da Natureza nos occultos seios.
Essa Eterna Razão por mim conhece,
Que se difunde n' Universo inteiro,
A, que mora no germe, occulta força,
A que a tudo dá fórma, e dá figura.
Por mim, por mim conhece a origem d' alma,
Qual tenha em corpo humano assento, e throno;
A que fim s' encaminhe, e quaes s' encontrem
Ou desgraças, ou bens, na vida, e morte.
Eu torno bello o Mundo, os homens sabios
Se ingenuos querem vir seguir meus passos,
E contemplão por mim o alto principio
Das cousas em si mesmo, os gráos, e os tempos,
Que a tudo tem prescripto a mão do Eterno.
Eu os levanto a conhecer hum Nume,
Obedecer-lhe, e venerallo sempre:
Delle, e só delle a pressentir em tudo
A lei, e ordenação; eu só lhe ensino
A dar justo valor, dar justo apreço,
Ao que se mostra ou verdadeiro, ou falso.
Se o prazer, a que he misto o pranto, a magoa,
E o pungente pezar, que he tardo sempre,
Os homens sabem condemnar, eu mesma
Seu peito aclaro, o coração lhe inflammo;
He meu proprio este dom. Por mim descobrem
Que he só feliz na Terra, he só potente
Quem se domina a si: Guia incorrupta
São minhas luzes ao mortal na vida.
Eu primeiro lhe aceno, eu lhe preparo,

(Depois Religião, que he só, que he tudo)
Séde no Ceo, qu' eternamente he bella.
Do Christianismo hũ mestre, hũ sabio, hũ grande,
De Alexandria nas escolas doutas,
D' alta verdade, que dos Ceos foi dada,
Pedagoga me chama, eu sóu por certo
Quem da luz da Razão, da Natureza
Leva os mortaes a accreditar mysterios
Qu' á razão não se oppõe, mas são mais altos.
Mas eu desço comtigo ao Templo augusto;
Q' inda que erguido o vêz, não he distante
Da terrea habitação do engano, e minha.
Olha, admira, contempla a excelsa móle
Premio d' hum Grande que he brazão do Mundo:
Este he d' honra immortal o alto ornamento,
Que eu mesma á Gloria consagrei, com elle
De hum Pontifice meu premeio as obras,
Elle as minhas expoz, dou premio ás suas. „
A Deosa emudeceo, á dextra eu volvo
(Nunca confuso assim) trementes olhos;
E no meio da luz brilhante, e pura
Soberbo alçar-se Mausoléo descubro.
De Newton vi gravado o nome excelso
N'hum pórfido immortal, que nem d' Augusto,
Ou no Tybre cobrio geladas cinzas,
Ou do Grande Pompeo fechou no Nilo
Restos chorados do implacavel Julio.
Depois que vezes mil no estranho, e grande,
Monumento fitei pasmados olhos,
Por longo tempo contemplando absorto
Aquella d' alto engenho obra estupenda,

Ao Britanno immortal sagrei com votos
Inteiro o coração, minha alma inteira;
D' estima este o tributo, o feudo he este,
Que eu primeiro paguei, Nação pasmosa,
De quem o mar he todo, a Terra he quasi.
Mas eu sou Portuguez, e armas não podem
Alhêas deslumbrar-me; eu vejo as Lusas,
Cuja gloria tu vêz no vasto Oriente,
E, onde levantas triplice bandeira,
Primeiro o nome Portuguez encontras.
Eu não te invejo a gloria, nem thesouros;
Se de Safyras atulhados cofres,
Fios de brancas Pérolas, se finos
Luminosos Rubins d' Asia recebes;
Já d' Asia hum Portuguez trouxe mais qu' isso:
Do Indo, Hydaspe, e Gange as aguas trouxe
Dentro em barro Chinez; e era Atayde.
Será maior teu Rodney, ou teu Nelson?
Nem teu Monk he maior, se o Sceptro engeita,
Em Regia frente o Diadema pondo.
Hes grande para mim porque em teu seio
Bolingbrocke apparece, Adisson, Pope;
Apparece Bacon, Milton tactêa
Arpa tocada só d'Hebreo Monarcha;
Em ti tiverão berço, e Locke, e Tompson,
E o que os povos do Mundo inda baralha,
E a Gallia fez tremer, Pitt, he teu filho.
Hes grande para mim, porque hum Senado
De Reis, mais que o de Roma em ti conservas,
Onde tantos Demosthenes, e tantos
Tullios sabem surgir, salvar a Patria.

He esta a fonte do respeito, e estima;
Que eu Vate, que eu Filosofo consagro
A ti grande Naçáo, da Europa asylo.

Fim do II. Canto.

NEWTON,

POEMA.

CANTO III.

TInha ficado em extase profundo
Do protentoso Mausoléo co' a vista:
Mas da pasmosa suspensão me chama
A Fadiga outra vez; eis abro os olhos,
Junto ao sepulcro vejo em lédo aspecto
Matronas duas de belleza estranha:
Huma nos hombros veste argenteas azas,
Na dextra mão sustenta argentea tuba;
Vi que era a Fama, que immortaes escritos
De Newton celebrou; era outra a Gloria,
Que os sustenta nas mãos, defende, e guarda.
Da Fama, e Gloria he obra, he maravilha
O immortal Cenotafio: aos pés sentada
A Verdade admirei simplice, e núa:
Ella serve de baze ao grande, illustre
Monumento immortal onde a presság a
Mente me diz, que saberão no Mundo,
Que eu no Mundo existi, tardios netos.
Do seio extractos da materia prima

Dois pedestaes estão, que no encendrado
Ouro conservão symbolos diversos,
E as bazes são de lúcidas columnas.
No meio huma Pyramide que mostra
No mui subtil triangular remáte
Do fogo, e clará luz o throno, e assento,
Qual entre os Gregos o mais douto o mostra,
Crendo que deste fogo era alma chêa,
Que qual laço entre si sustenta, e prende
Intelligivel Mundo ao Mundo inerte,
Incorporea substancia á sensitiva:
(Methafysico abysmo, ou sombra he isto,
Que eu débil, que eu mortal romper não posso).
Daquelle fogo interminavel fonte
Vi d' átomos sahir, que o Sol brilhante
Desde o seu seio luminoso espalha,
Donde o immenso esplendor dalvez se forma.
Além do alcance do saber humano
He sua rapidez, correm velozes
Dos Ceos o immenso espaço, em toda a parte
Se difundem no ar; destas pequenas
Particulas tem luz, tem lume os corpos;
Sempre impellido vai, vibrado sempre
(Continua undulação) primeiro raio
D' outro, que delle apóz o Sol despede.
Diante da Pyramide sublime
Entre as columnas se elevava ingente,
Firme, segura baze; ordem Toscana
Com magestade seus adornos forma;
Nella esculpido teu grão nome eu leio,
Immortal Galileo, tu preço, e gloria

Da Etrusca Sapiencia, e timbre illustre
D' alma Cidade qu' em seu gremio ouvira
Os magos sons da Cythara suave,
Que a Laura celebrou, qu' ouvira outr'ora
Da boca de Ficino auri-eloquente
Do excelso Platonismo expôr mysterios;
Que dera o berço ao que descobre hum Mundo,
Que o nome seu tomou; qu' inda hoje o guarda.
Immortal Galileo, devem-te os sabios,
Da Terra aos astros o caminho aberto;
Qual deve a Magalhães o nauta a estrada,
Que cerca todo o globo em mar profundo:
He teu brazão sómente, he gloria tua
Desta mesquinha, inerte escura Terra
Avizinhar as lucidas estrellas;
E, se o Toscano ceo d' astros he rico,
Que ao throno Medicêo docel formárão,
A ti se deve, a ti!... Memoria triste!
O throno Medicêo, he sombra, he cinzas,
Depois que o Tygre, ou Vandalo do Sena
Despreza a Sapiencia, avilta os thronos!
O teu engenho inaccessivel abre
Nova estrada ao saber: Britanno illustre,
Com ella architectou obra estupenda,
Que, consagrada á lucida verdade,
Da proterva ignorancia o orgulho opprime.
Immortal Galileo, ao dia, ás luzes
Que ao Mundo trouxe teu saber profundo,
Se oppôz a cega audaz insipiencia
E inda agora se oppõe; que hum véo sombrio
Tentou no Sena despregar-te em cima.

Ah! não se lembrão que se a Italia culta
Não dera o berço a Galileo, não forão
Tão ufanas de si Gallia, e Britannia,
Hum Newton dando á luz, e á luz Des-Cartes!
  Dos lados sobre a baze alta, e segura
Eu vi dois globos da pezada, e dura
Magnete, que he mysterio ao sabio, a todos:
Virtude de attracção nella reside,
Se a mente a não conhece, a vista a sente:
Pegando, unindo a si (profundo arcano!)
Esse metal cruel, sagrado a Marte,
Que hoje a misera Europa em sangue inunda,
E he dos mortaes na mão rival do raio.
Esta ao sabio, esta ao vulgo ignóta força,
Como em triunfo se descobre, e mostra.
De teu contínuo meditar foi obra,
O' Genio do Tamiza, este prodigio;
Mostra a tendencia qu' entre si conservão
Alternativamente os corpos todos,
Que a hum centro que he commum gravîtão sempre.
  Ignóto nome aos seculos antigos
Foi attracção reciproca, e foi sempre
Centrífuga, e centrípeta ignorada,
Com que estranhos fenomenos s' explicão.
Em seu lugar as gárrulas escolas
Sonhárão Nume occulto, occulta força,
D' odio, e d' amor combate, ou guerra eterna,
Horror do vácuo, e qualidade ignóta.
  N'hum dos globos está gravada em ouro
Por mãos de Ptolomeo etherea esfera,
A' qual d' ambito immenso a Terra he centro:

Acima della brilha argentea Lua,
Que o nocturno clarão do Sol recebe.
O mensageiro dos celestes Numes
Muito acima fulgura; e essa, que teve,
Alma belleza, no Oceano o berço,
No que he terceiro Ceo, resplende, e brilha;
Precede o dia; quando nasce, e surge
Quando o disco do Sol se encobre, ou morre!
D' aurea luz coroado, e ardentes raios
O Sol succede: e se descobre Marte
Sanguineo, e triste n'outro Ceo rodando.
De Jupiter o globo immenso, e claro,
Em mui remoto circulo se agita.
Inda além delle, vagaroso, e frio,
Vai do antigo Saturno o debil raio.
Immoveis pontos, lucidas estrellas
Brilhão no immobil crystallino assento.
  Obra do grão Copérnico descubro
N'outro globo esculpida, immensa esfera,
Della o Sol luminoso he centro, he fóco,
Que mui proximo a si Mercurio observa;
Vai n'hum carro apoz elle a Cypria Deosa
Roseos freios batendo ás alvas Pombas,
(Dos astros todos o mais bello, he este);
E n'outro ceo mais alto a escura Terra,
Tornada astro rotante, o gyro absolve;
Da Lua seu satéllite seguida,
Da qual ao vario movimento he centro.
Das feras armas lugubres o Nume
(A quem tanto tributo, incenso tanto,
Em lagrimas, em luto a Europa off'rece!)

Segue-se apoz da terra; e apoz de Marte
O vivo, o claro, o desmedido Jove,
De brilhantes satéllites cercado
Que tu, grão Galileo, primeiro achaste!
E do tardo Saturno a immensa, e vasta
Mole apparece, de Clientes muitos,
E variante annel cercado avança.
Hum longo estudo architetou tão bella,
Tão engenhosa machina prestante,
Entre os gelos Sarmaticos levada
A' maior perfeição, pois já n' antiga
Idade a vio sahir absorto o Mundo
Das mãos do escravo do eloquente Tullio, (*)
A quem, deposta a consular soberba,
Se dignou de escrever, chamar-lhe amigo.
Sobre os dois globos se sustenta, e firma
A illustre, sepulcral Urna estupenda;
Architetada, e repellida brilha
De Prisma em fórma, e de materia ignóta;
Se o brilho he do diamante, inda mais brilha,
Se he solido o rubim, mais dura existe.

(*) Contra os meus propositos a respeito de notas, me vejo obrigado a esta, talvez que em hum passo escuro para muitos eruditos: Cicero entre seus escravos tinha dois, ambos Gregos, hum chamado Tyro, que era seu leitor, e a quem Cicero escreveo muitas cartas; outro chamado Possidonio, inventor da machina a que chamamos -- Planetario --; ainda que não tão perfeita como a vemos. Isto diz o mesmo Cicero, a Attico, fallando da machina „ *Quam nuper Possidonius noster invenit.* „

Não folhagens de Acanto, ou de Cypreste
Alli pôz Esculturu: em vez de adorno,
Em vez dos negros symbolos da morte,
Só gravou Mathematico Instrumento,
Com que medir dos Ceos a immensa estrada
Usa idéa Astronomica segura.
Do negro Paragon moldura observo,
Que em si contém de Izác a illustre imagem;
He relevada em solida Esmeralda,
Parece q' inda volve, e q' inda espalha
Filosofica vista em torno aos astros,
Que respirando está Filosofia.
E tanto ao vivo está, tal arte o fórma,
Que, se meus olhos acredito, ainda
Cuido que solta a voz, que os labios move.
Este relevo portentoso, e raro
He sustido nas mãos d' hum Genio illustre,
A quem deo berço d'Adria a grão Rainha,
(Hoje escrava tambem d' escravos feros)
Genio que objectos da terrena estima
Aos pés soube pizar, e além subindo
Onde o fragil mortal mui raro chega,
Teve ao lado Virtude, e teve o gosto,
Que o bello sabe achar nas artes bellas,
Rival sublime, ou vencedor de Horacio,
Na mente sempre á Poezia dada
Seguro alvergue achou Filosofia;
Pelas varedas da sciencia segue
De Newton o farol brilhante e puro.
Caro ao Monarcha, que juntou n'hum laço
De Minerva, e Bellona o genio, e as artes,

Minerva n' alma tem, nas mãos tem Marte;
E a pacifica Oliva ao louro ajunta:
Monarca invicto, que estendeo vivendo
A mão benigna ás Musas desvalidas,
E ao lado como amigo os vates senta,
E no Reino, onde agora a Guerra existe,
De Augusto fez raiar dourados dias:
Foi-lhe caro Algarotti; oh fausto nome,
Tão doce e grato ao lisongeiro sexo,
Que une mil vezes formosura, e letras!
Da nivea mão travando-lhe o dirige
Pelas agras do calculo varedas,
E lhe ensina a não vêr com medo, e pena
Os labyrinthos das traçadas linhas
Nos cubos, nos triangulos de Newton;
Este nas mãos sustem o Oval relevo,
Que ao vivo representa, ao vivo exprime
Do grande explorador da Natureza
O magestoso, e respirante vulto.
D' Optica o Genio na moldura estende,
Moldura sup'rior, brilhantes azas:
Com septemplice luz se expandem bellas,
Que as côres todas primitivas guarda:
O corpo todo he nú, cercado apenas
D' hum sendal claro azul que estrellas bordão;
Na dextra mão sustenta huma grinalda,
E acena de cingir com ella a frente,
De pedraria Oriental composta;
Na esquerda mão conserva os luminosos
Crystaes, em lentes que affeiçoa e pule
Co' as doutas mãos Filosofo tranquillo

O Portuguez Hebreo na Hollanda escura, (*)
Que, a vil lisonja despresando altivo,
Banha o páo com suor, trabalha, e vive.
D'aurea madeixa o Genio hum raio expande,
Que, composto de mil, fulgura ao longe.
Resulta delle a côr candida aos olhos:
Da Urna sepulcral no seio o raio
Se refrange instantaneo, em parte opposta
Quadrilongo se vê, posto que fosse
Esferico ao partir da origem sua.
Diversos gráos, e proporção distincta
As côres entre si guardão, conservão;
O brilhante escarlate occupa o fundo,
O laranjado o meio, e, qual no Goivo
O amarello se mostra, alli campêa;
O verde então se vê, que enroupa as plantas;
Vegetação Rainha assim se veste,
O'pa com que se adorna, e o Mundo enfeita:
Do azul, que forra os Ceos, o Indico he perto,
E da saudade o symbolo tristonho,
Matiz da violeta; eis brilha o ròxo.
Escala harmoniosa! Eis della em torno
D' huma composta côr listões s' estendem,
Que outros compostos gradativos formão,

(*) Collero na Vida de Espinosa diz, que seus pais erão de Béja, e que elle nascêra no Porto, donde fôra levado para Amsterdão de dois annos de idade, hindo tambem com seus pais o célebre Jacob Murteira, que depois foi seu Mestre: este foi o que depois se rio do desafio de Antonio Vieira.

Que adornos são do Mausoléo soberbo:
E, n'hum Rubim profundamente expressas,
Estas palavras portentosas erão:
„ Com suas Leis a vasta Natureza
„ Immersa estava em tenebrosa noite;
„ Surge, ó Newton, bradava a voz do Eterno;
„ Nasceo Newton no Mundo, e nasce o dia. „
Eis tres figuras mais, do grão Sepulcro
Ornamento, diviso em torno postas;
Primeiro a de Ancião curvo, e rugoso,
Fontenelle se diz, meditabundo,
Aos Ceos aponta, e contemplando os astros,
Diz que habitados são, que a argentea Lua
He do pensante, e do mortal morada;
Qu' existem Mundos mais no éther immenso.
De vórtices cingido, outro apparece,
Em cujo seio envolve o Sol brilhante;
Em seu gyro assignala o móto aos astros.
Tem sobre o Cenotáfio os olhos fitos,
O simulacro observa, e mudo o adora.
Entre elles ambos Maupertúis descubro,
E sobre hum globo estende aureo compasso,
E sem temer as cerrações do pólo,
Geómetra sublime, os gráos lhe mede.
Eternidade sobre tudo existe,
De insupportavel luz clarão diffunde,
Onde se perde, e se deslumbra a vista,
S' ousa fitar-se no seu seio immenso.
Mal contemplava o monumento augusto,
De homem tão grande consagrado á gloria;
De tão sublimes extasis me arranca

A Fadiga outra vez: „ He tempo, ó filho,
Que o transportado espirito se torne
A' habitação mortal, que desça á Terra:
Vai: quanto viste, aos homens anuncîa;
Vai declarar insólitos protentos
Sobre esta móle sepulcral gravados.
O Mundo vivirá: Newton sublime
Em quanto exista, existirá com elle.
Sobre as ruinas do acabado Mundo
A gloria existirá fastosa, inteira,
Seu throno erguendo sobre immensa, e clara
Luz, que só Newton dividio na Terra. „
Disse; eis foge a visão, eis foge o Templo.
Eu, não diff'rente d' hum mortal que vôa,
Desço do cume do fadado monte.
O mesmo monte s' escondeo: vapores
Lévantados em torno á vista enferma
Sobre mim denso véo de nuvens formão,
Roubão-me ao claro Olympo: a planta apenas
Se me antolhava que na Terra firmo,
Do novo dia sou chamado ao duro
Lagrimoso trabalho, herança minha.
N'huma absoluta escuridade, inglorio,
Sómente a mim deixado, e á Natureza,
Sem murmurar do Ceo que assim lhe aprouve,
Tranquillamente o tumulo esperando
(Pouco dista de mim!) repouso eterno.
Mas sem que a vil lisonja hum pão mendigue;
Nem aos soberbos porticos dos grandes
A dependencia guiará meus passos,
Nem vergonhosa súpplica aos ouvidos

D' hum homem meu igual levei té agora.
Falte em que ponha os pés mesquinha terra,
Injusta collisão d' almas obtusas,
Menos que vermes na sciencia, em tudo,
Só grandes na ignorancia, e na impostura,
Me procure azedar cadentes dias;
Nem duro, e negro pão banhado em pranto,
E obtido com suor me escóre a vida;
Nem tenha onde evitar (paredes nuas)
Das estações a dura alternativa;
Nunca abatido o peito em males tantos,
Nem triste o rosto me verão no Mundo;
N' alma assentado o presupposto tenho
De huma voz Filosofica, que brada:
,, Dos males todos, o menor he morte. ,,
Se he preciso morrer, sou grande, e livre,
Sou nobre, independente, e sou ditoso;
Do estudo, e da sciencia o fructo he este.
Não he caduca vida hum bem q' valha
De hum vicio só, de huma vileza o preço,
Mas em quanto não finda este intervallo,
Breve entre o berço, e tumulo, desejo
O' Patria minha, engrandecer teu nome,
Dar-te, qual hes, a conhecer ao Mundo.
Isto busco, isto quero, isto medito,
Neste seculo infausto á paz negado,
Em que tudo se esquece, excepto o sangue;
Em que he sciencia o calculo da morte;
Em que hum Tigre feroz se chama hum grande;
Em que amor do retiro, amor do estudo
Como fraqueza, e pedantismo he tido,

E a sciencia maior lembrar-se o nome
Da terra em que os mortaes seu sangue entornem.
Menos barbaro foi por certo o tempo
Em que do polo aquilonar marchando
Fero Ataúlfo, ou Genserico veio:
He Theodorico barbaro, mas teve
Ministro ao lado seu Cassiodoro:
Deo-se apreço ao saber; respeito ás Musas,
Filosofo he Boecio; aurea eloquencia
Apolinar, e Símacho sustentão,
E do Grego saber riqueza, e brilho
Nas escolas Ecléticas conserva
A' foz do Nilo transplantada Athenas.
Mas agora!... ah com lagrimas augmento
Do patrio rio a turbida corrente!...
Porém eu torno a mim, que a mim me rouba
Melancolico véo que alma me enluta.
Trago do Templo excelso inda gravadas
Na fantazia fervida as imagens,
Que eu alli descobrira, inda me lembro
De quanto ao grão Britanno as Artes devem.
Cultas nações extaticas o louvão,
Nunca a lingua mortal cança em louvallo:
Unico Genio, cujo estudo, e fama,
Sómente ha de acabar quando se solte
A chamma voracissima do fogo,
Que a Terra, os astros lucidos consuma,
Com que do Mundo a machina vacille;
Como tu prometeste, e tu cantaste,
O' dulcissimo Vate, a quem por louros
Deo do Tybre o Tyranno a Scitia, e morte.

Newton, foste mortal; mas quasi eu creio,
(Qual he crença de extatico Poeta)
Que d' hum astro natal vieste ao Mundo
Mostrar prodigios aos mortaes ignótos.
Tu, c'o Prisma na máo mostraste a fonte
Da septiforme côr, que a luz encerra,
Qual seja a essencia sua, e qual a vida.
A superficie dos terrenos corpos,
Em parte absorve os luminosos raios,
E, reflectidos n'outra parte, os manda
Aos olhos nossos com diversas côres.
Opáco eis apparece o corpo, quando
A luz não tópa com directos póros;
Na obliquidade a escuridão consiste,
Pois menor transparencia a luz encontra.
Tu decifraste as primitivas côres,
O' grande Genio escrutador do Mundo!
Tu das mixtas nos dás brilhante idéa,
Que effeitos são dos reflectidos raios,
E qual seja o poder donde dimane
A' refracção, e reflexão principio.
Nem são de teu engenho obras supremas
As qu' em suave metro expuz té agora.
Não so da luz as vibrações potentes
Refrangiveis mostrou nos corpos densos,
Que no incessante moto encontrão sempre;
Mas a mais progredindo a mente excelsa,
Não se perdeo no calculo infinito:
Abysmos onde hum novo ignóto brilho
Aos mortaes pode abrir; sahindo ovante
Do labyrintho de infinitas curvas,

Quando a recta propoz, porque he finita;
Se hum pouco só diverge, então se fórma
Sempre em curva infinita. O' sombra, as Musas
De ti se espantão, se intimidão, fogem:
Só lhe apraz terra donde brotem flores;
Só manejão pinceis, calculo odêão;
Ou he pequeno emprego á fantazia,
Que se escalda, se expande, e se remonta,
Juntar com sequidão cifras a cifras;
Outro quadro maior minha alma occupa.
Bastava, ó Newton immortal, bastava
A dar-te hum nome eterno, a luz, e as côres;
Mas tu, da clara luz transpondo o Imperio,
Foste os astros seguir no eterno móto.
A pestilente Inveja em vão contrasta
A teu nome immortal memoria, e honra.
Da Geometria nas valentes azas
Nunca tentado despregaste hum vôo,
E d' huma esfera n'outra esfera foste
Viver entre mil soes sem deslumbrar-te;
Lá tu foste encontrar, de lá revélas
Lei q' a hum centro commum chama os Planetas,
E a lei com que do centro os astros fogem:
O móto desigual da argentea Lua
A teus profundos calculos sugeitas.
Tu no móto annual, tu no diurno,
Vais passo a passo acompanhando a Terra.
Tu do grande fenomeno espantoso,
Exposto a nossa vista, e sempre ignóto,
Com que ora sobem na arenosa praia,
Ora descem na praia as turvas ondas,

A verosimil causa, ou certa apontas.
E teu profundo espirito em repouso,
Assombroso mortal, jámais deixaste.
Se, os tubos astronomicos depondo,
Deixas de ir vêr os Ceos, correndo os astros,
Não satisfeito de rasgar o obscuro,
Denso véo que encobria a Natureza,
Pelos sombrios penneiraes entrando
Com luminoso facho, e nunca extincto,
Tu, nascido a dar luz, rasgas as sombras
Talvez mais densas, que no seio envolvem
Marcado já periodo dos tempos,
Vai correndo teu fio, e apenas paras
No momento em q' á voz do Eterno o Mundo
Surge do cáhos, se organiza, e brilha.
Tu, da impostura oriental mofando,
E do fallaz mysterioso Egypto,
Só da verdade oraculos respeitas.
Petavio, Usserio te contemplão mudos
Quando outras luzes contemplando mostras
Da Natureza na observada marcha
Tão remoto não ser da Terra o berço.
A baze, as progressões, a gloria, a quéda
De Imperios vastos que ambição formára,
Interpetre das leis dos Ceos, dos astros,
Quizeste ser Legislador dos tempos.
Quem póde a gloria recuzar-te, ó Newton,
De dar ao Mundo a luz que elle não tinha?
A transcendente Geometria elevas
Ao ponto além do qual finda o perfeito.
Da Natureza sacerdote, acclaras

Mysterios que ignorára a Grecia, o Lacio.
Pelas sombras da Historia a luz derramas
Quando a baze maior, Chronologia,
Tu deixas em teus calculos segura.
  Se o profundo Varennio a terra, os mares
Co' a régoa Filosofica medindo,
Este, ai! táo triste! domicilio humano
Em quadro multiforme offrece á mente;
Tu te dignas polir, dar brilho, e preço
Talvez ao mór Geógrafo que exista;
A Newton por interpetre merece!
Nelle a luz he brazáo, que tu lhe emprestas;
Em ti timbre maior, sendo tu Newton,
Confessar, conhecer merito estranho.
  Da Natureza expositor, quizeste
As azas despregar n'hum ceo mais alto,
As cortinas fatidicas rasgando,
Com que a máo do Immortal cobre o futuro,
Foi teu maior estudo esse volume;
Onde as visóes de extatico Profeta
Em sombra impenetravel se sepultáo,
Náo vadeaveis, náo, que os aureos sellos
Só lhos deve romper momento extremo,
Quando de espanto agonizante o Mundo,
Vir das nuvens baixar do Eterno o filho.
  Náo foste grande aqui; mas sáo pequenos
Quantos ousáo rasgar comtigo as sombras,
Em que Deos quiz guardar mysterios tantos.
No Templo Filosofico dest' arte
Tu mereceste hum tumulo sublime,
Que he seu mais nobre altar; náo pompa infausta,

Qual ser dos Reis o mausoleo costuma;
Neste a gloria se acaba, o nome expira;
O teu dalli começa, e dalli manda
Raios de luz a esclarecer o Mundo.
  Se tens a mente de sciencia cheia,
Tens de virtude o coração cercado:
He mais arduo ser bom, que douto, e sabio;
E huma Virtude só tem mais valia
Que o teu compasso d' ouro, as linhas tuas,
E as leis que dás, ou que suppões nos astros.
Entre o fausto incivil, entre a grandeza,
Podeste ser Filosofo modesto.
Ah! sem virtude, a sapiencia he nada!
A Inveja te assaltou, (e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?)
Mas tu, qual no Oceano altivo escolho
Das negras ondas, que rebentão, zombas,
E, se hum novo Palacio á Sapiencia
Levantárão mortaes no Tybre, e Sena,
Os enfeites são seus, e as bazes tuas.
O' feliz Albion, berço de tantos
Magnanimos Heroes, que o Mundo illustrão,
Da honra, e da virtude asylo, e Patria,
Vê que ha no Téjo quem conheça o grande
Alumno teu que legislou nos astros;
Quem seu saber adore, e seu profundo
Systema vá seguindo em todo, em parte;
Quem possa ser maior, e igual ao menos.
Este dos versos meus, tributo acceita
Que eu consagro a teu nome, á gloria tua:
Pendura-os em seu tumulo; e se tanto

Nem desejar, nem merecer eu devo,
Junto da pedra, que os despojos fecha
De Tompson teu Pintor, meus dons conserva:
Se elle traçou da Natureza o quadro
Dos seculos té alli co' a Lyra intacta,
Eu do Interpetre seu pinto em meus versos
O grande Genio, e lhe eternizo a Fama.

Fim do III. Canto.

NEWTON,

POEMA.

CANTO IV.

DA luz que o Templo magestoso enchia
Nunca a meus olhos o clarão s' extingue,
Com elle vejo d' outra sorte a Terra:
S' era envolta até alli na sombra escura
Do cáhos da ignorancia, eis fulge, eis brilha
De novos astros, nova luz banhada.
Era tréva até alli quanto pousara,
Em Athenas outr' ora, outr' ora em Roma.
Era frouxa a impulsão de sabios tantos,
Que, mestres do Universo, aos homens davão
Lições de sapiencia. Ah! nunca o Templo
Aos miseros mortaes se abrio de todo!
Quando a barbarie Góthica domina
Por tantos, tantos seculos no Mundo,
Dos continuos fenomenos a causa
Sempre ignorada foi. De espaço a espaço
Surgia hum Genio, forceiando apenas
Por quebrar os grilhões, Baldado intento!
Hia o volume universal fechado,
Com sellos de Diamante, á força humana;

Qual no tristonho tenebroso Inverno,
Quando a densa, importuna, e grossa ne ;
Abafa em torno o ar: se o Sol brilhante
Rasga c'o vivo raio o manto espesso,
Subito foge; subito o negrume
Tapa de novo o fulgurante aspecto,
O Imperio estende da imperfeita noite.
Tal da Verdade, e Natureza estava
Envolto sempre o rosto em véo sombrio;
E, se hum frouxo vislumbre hum pouco a treva
Tentava dividir, mais carregada
Vinha cahindo a sombra da ignorancia:
Ou porque o cego Fanatismo as luzes
Demorava continuo, ou porque ainda
O marcado periodo não vinha
Na vasta, immensa successão dos tempos,
Que a mão que rege o todo ás artes marca,
Quaes os Imperios são que nascem quando
Do nada á vida a Providencia os chama.
Quantos Genios nutrio no seio a Italia
Antes que Newton fulgurasse ao Mundo?
Tilesio, Cisalpino, e Bruno, aquelle
Que entre chammas fataes seu crime expia!
E Cardano, que entr' Arabes idéas
Tantas centelhas luminosas lança!
Mas nunca rompe o dia, e o Mundo aclara.
Tu mesmo ó Galileo, teu passo apenas,
Ao Peristillo do grão Templo levas:
Não te foi dado os porticos de todo
Aos homens franquear. Germania hum Sabio
Produz, q' aos Ceos se lance, os astros peze,

E ouse fallar de perto á Natureza;
Kepler as leis universaes sentia,
Que seguem na carreira ethereos corpos.
E Gallia, então n' Aurora, então no berço,
Ou não escuta, ou não conhece o Sabio,
Que entre os gelos da Hollanda hum Mundo finge
De turbilhões, de vortices sonhados:
E de Epicuro nos jardins se assenta
Renovador dos átomos errantes
Pensativo Gassendi, e em tréva envolto,
Corpuscular Filosofia ensina,
Onde engenho só brilha, e nunca hum passo
A sempre douta experiencia avança.
Ah! se mais á razão, que á fantazia
Desse o Germano illustre a quem patente
O vasto Imperio foi das artes todas,
Se as primittivas mônadas, se aquella
Pré-existente enfática harmonia
Hum pouco s' esquecesse, e a voz ouvisse
Da contumaz observação das causas,
Mais cedo, e mais brilhante a luz raiára!
Do immenso livro do Universo os sellos
Aos olhos dos mortaes s' espedaçárão!
Mas Newton existio, e a Terra he outra;
O que era só mysterio, o que era sombra,
Foi tudo luz, e sapiencia tudo,
Bem como he todo luz, e he dia o Mundo
Quando o disco do Sol do Ganges rompe,
De arcanos naturaes expoz a cifra
Rasgou-se o manto a toda a Natureza!
Eis do infinito o calculo profundo

Pôde abrir, e forçar cerradas portas.
Da Sapiencia o recatado Templo
Visto apenas ao longe entre inaccessas
Róchas quebradas de escarpados montes
Se abrio de todo, e se mostrou qual era.
Oh! que scena espantosa, oh quadro augusto!
Enthusiasmo que minha alma agita
Te abrange todo, te contempla, e pinta.
Em teu claro vastissimo horizonte
As gradações da luz, da sombra eu sigo,
Empreza digna de espantar por certo
A rica fantazia, o fogo, a força
De Tintoreto, ou de Jordão pintando!
Eu não sei que ardimento interno eu sinto,
Irresistivel violencia aos versos
Me leva todo; e da memoria eu tiro
Thesouros cuja posse eu mesmo ignóro:
Sobre mim me levanto, e alheio aos males,
Que outra vez tão de perto, em copia tanta
Terrivelmente minha Patria assombrão,
A Lyra Filosofica tactêo,
E onde não chega estrepito da guerra
Eu vejo a luz que a Terra a Newton deve,
De antigos évos optica ignorada
De Sarpi, e Porta aos immortaes cuidados,
Ah! por certo deveo primeiros passos!
Porém co' Prisma, e calculos de Newton
Pode formar a analyse das côres:
Do Genio, tymbre d'Anglicos triunfos,
O volume doutissimo propaga
A luz que era só vista, e ignota sempre.

Vãos systemas té alli que o throno occupão
Cahem sem força, e vigor no abysmo, e nada.
A Experiencia só, corrige, emenda
Quanto á moderna observação se oppunha;
E a nova escóla Eclectica se eleva
Sobre a verdade, e calculo sómente.
Eis-Eulér, e Clairaut, profundos genios,
Sobre o problema dos tres corpos lanção
A baze ao grão saber, e altos progressos
Do magestoso simplice systema,
Que La Place immortal do Mundo off'rece.
  Quão gloriosas consequencias veio
De teus principios, ó Britanno illustre!
A nutação do eixo em que se firma,
Em que rodando vai pezada Terra:
Do mar a exaltação, do mar a fuga,
(Que fluxo, e que refluxo a proza chama):
D' astros primarios movimento eterno,
Dos satélites seus que ao centro tendem;
Dos Cometas excentricos, que o moto,
E sempre incerto, irregular conservão,
Os constantes periodos se marcão.
A libração da prateada Lua,
Astro proximo a nós, mas sempre ignóto,
E a causa achada dos bramosos ventos,
Do ar sonoro oscilações pasmosas.;
Tudo he patente já. Methodo exacto,
E de integrar, de aproximar se abraça,
E tudo, ó grande Inglez, tua gloria augmenta!
  A longa duração de quasi hum cento
D' annuas revoluções da Terra inerte

De teus principios á cultura entrega
Fontenelle dulcissimo, que Mundos
Vio mais no espaço, e aridas sciencias
De nova graça e formosura enfeita.
Da Germania, que hum tempo, e núa, e simples
A' Historiador Filosofo se mostra,
Surge o grão Wolfio, e se offerece ao Mundo;
Segue o trilho de calculos profundos:
Mathematica luz lança no campo
De quanta a Terra vio Filosofia.
De ti, grão Newton, os vestigios piza,
E da exacta sciencia entra o Sacrario,
Em sombras methafysicas s' entranha;
Quadro bem digno da attenção do sabio,
Nunca em meus versos ficarás inglorio!
A Inveja perseguio genio tão raro;
Entre agitadas borrascosas ondas
Em seu peito existio tranquilidade,
E a cada tiro venenoso dava
A grão resposta de hum volume douto
Com que da Sapiencia o erario augmenta.
Do Lycêo de Berlin lá foge expulso
Vai com elle a Virtude, e vai Sciencia.
Da Hollanda nebulosa os sabios surgem.
Ah! porque foge á magica harmonia
De meus versos seu nome! As Musas fogem,
E os Alpes vendo, os Pyreneos não passão.
Só do Tibre, ou do Téjo as aguas gostão
Depois que o Trace barbaro, e que o Scytha
Do Eurotas, de Hypocrene a margem pizão!
Mosckembroêke, Sgravesande illustrão

Da Fysica os confins. Conspicua em tudo,
Antes que ao jugo Vandalo dobrasse
O táo nobre até alli livre pescoço,
Nevosa Helvecia n'huma só familia
Da sciencia o deposito conserva.
Fadada para as letras Bazilêa
Tantos Bernullis dá, quantos os sabios.
Claro ornamento da sciencia exacta,
Onde hum tempo foi Grecia, e Roma outr' óra
Onde em Sena mudado, eu via o Tibre,
Quanto a Fysica val, quanto se avança!
A' Luz de Newton nova luz empresta,
E não deixou que dezejar á Terra.
Da grande Academia o Templo eu vejo,
Alcaçar da sciencia ao Mundo aberto
Do grande Newton a memoria, o nome,
Alli qual genio tutelar preside
No vasto erario de immortaes volumes
Encerra, e fêcha a Natureza toda,
E a Natureza toda aos olhos abre.
De luz táo clara não carece Italia;
Paiz táo cáro ao Ceo, táo grato aos sabios,
Ah! nunca os Brennos te pisassem, nunca!
Devera em cima de teus Alpes vêr-se
A gráo Minerva sobraçando a Egyde
Co' a angui-crinita frente de Medusa,
Onde os Hydros fataes s' enroscáo, silváo,
Petrificar as Vandalas Cohortes,
Qual já Perseo c' o diamantino escudo
As iras suspendeo do equoreo monstro,
E Andromeda livrou. Italia, Italia,

Belligerantes torreões nos mares
De contrarias nações, a Hesperia, a Gallia,
E a soberba Albion, respeitão, guardão
Lenho que leva La Peyrouse, e marcha
Co' as raras producções do opposto Mundo
A enriquecer a Europa armi-potente:
Não he de huma nação, da Terra he todo
O sabio que a riqueza augmenta ás artes.
Tal acatáda ser, tal tu devias,
O' domicilio do saber immenso,
E não hirem turvar profanas armas
Teus sabios immortaes, teus monumentos;
Tudo em ti tinha o Mundo, e as Musas todas
Tinhão firmado em ti seu Templo, e throno.
De hum vate acceita o pranto, acceita os votos,
Sabe que o Téjo te conhece toda
Entre as cultas nações, tu só me illustras,
Eu nada tenho que invejar ao Mundo,
Quando em viva abstracção te roubo ao Globo;
Sem Filicasa, eu Lyrico me acclamo,
Ah! sem Tasso, o Cantor do acceso Oriente
Cedera a nenhum outro Epica tuba;
E meditando harmoniosamente
Eu só fôra o Pintor da Natureza
Se Arrighi, e Conti co' os pincéis não dérão
A tão grande painel mais alma, e vida.
A accesa fantasia hum pouco, hu' pouco
Das Musas se lembrou deixando as linhas,
Os cubos, e os triangulos de Newton,
E a regua de marfim, compasso d'ouro
Com que elle mede a Natureza toda.

Com quanta gloria te serviste delle,
Tu, que a tudo primeiro o exemplo deste!
Não cede, não, Bolonha ao grão Tamisa
Menos Florença, que, em jardins envolta,
Da Fysica sciencia o Imperio estende;
De Newton ao clarão marcha Zanotti:
Curvo, e velho Ricatti, abstracto, e mudo
A seu sacrario te conduz Urania;
De Newton nas fluxões tu luz derramas.
Se teve crime a Sociedade extincta
Aos olhos da razão, tu lho disculpas,
E tu pedes por ella o pranto ao Mundo.
Manfredi, e Grandi, e Nicolai, de assombro
Enche do Neva, e do Danubio os sabios;
Não mais, não mais a progredir se atreve
O grande Imperio da sciencia exacta.
Onde o claro Sebéto as aguas volve,
E ao perto ouve bramir, troar escuta
Do medonho Vesuvio o seio horrendo,
Chega de Newton a sciencia, e chega
O desejo de abrir com aureas chaves
Da recatada Natureza o Templo.
Orlandi, e Galiani aos astros sobem,
E o grão Maraldi lhes franqueia a estrada;
Com Cassini outra vez s' exalta o Mundo.
Se muito a Galileo deveste, ó Newton,
Mais a Italia te deve, as Artes devem,
Na Hesperia á perfeição levadas sempre.
Mecanica, aos mortaes proficuo estudo,
Depois de Newton teu sacrario aberto
Eu vejo pela Europa, e mais se apura

Do maquinista Siculo o talento,
Que atalha os vôos das Romanas Aguias;
A força cede a força ás artes sabias!
Quasi vejo surgir Numes na Terra,
A cujo aceno os corpos obedecem;
Não he a Lyra de Anfião que os montes
Manda a Thebas chegar, são leis profundas,
Que ás sombras arrancou da Natureza
O estudo da Mecanica pasmoso.
Náos se suspendem, diques s' apresentão
A' furia sempre indómita dos mares.
Sobe hum rio em Marly, corre hum penhasco
A' ribeira do Neva, e a baze fórma
Da colossal, prodigiosa móle,
Que representa o creador de Imperio,
Que hoje a razão defende, o crime insulta.
Sem a Italia meu canto erguer não posso;
Se Imperio Mathematico contemplo,
Musckembroêcke, e Belidoro a guerra
(Guerra dos sabios são, que o sangue ignorão)
Accendem entre si, disputão doutos
Do movimento de impelidos corpos,
Que a força perdem gradativamente,
Até qne a resistencia o móto acabe.
Do Sena, e do Tamiza os sabios todos
De Newton, de Amontons nas leis insistem;
Eis surge, eis brilha o Bolonhez Palcani,
E onde co' as doutas máquinas não chega,
Mysterios da razão co' a força abrange;
Traça hum ramo hyperbolico engenhoso,
Assintótico o diz, com elle explica,

Com elle aclara o disputado arcano.
Se as leis dos corpos sólidos se mostrão
Em soberana luz, quanto escondida
Guardava a Natureza a lei constante,
Que pôz desde o comêço ao rio undoso,
Que elle na marcha accelerada observa!
Mil equaçóes algebricas a escondem;
Vencem-se em fim mysteriosas sombras.
Depois de quanto afan, de quanto estudo
Tu, Saladini, a theoria expunhas,
Que escólho da mecanica tu chamas,
Náo superavel quasi a engenho humano!
Tu deste a Hydrodinamica pasmosa,
Teu hemisferio hydraulico os louvores
Do taciturno pensador La-Grange
Te soube merecer. Ricatti o grande
Te abraça terno com silencio augusto,
Sobre teu rosto lagrimas derrama;
Do Sabio velho a candida ternura
Mais te explica, e te diz, que o louro, o premio
Que Berlin te mandou, promette o Sena.
  Mas teus cuidados, as vigilias tuas,
O' tu de Urania Sacerdote, e filho,
A' sciencia dáo luz, que os ceos abrange,
Por ti seu Reino estende a Astronomia;
Desde o culto Caldeo, do douto Egypcio
Té quasi ao berço teu jazia em sombras;
Nada avançado tinha A'rabe estudo,
Guardador do deposito das letras,
Que á furia se evadio do Turco indouto

Depois que a sabia Grecia he cinza, ou nada:
Nem mesmo entre os de Dánia agrestes montes,
Onde Ticho elevou seu tubo aos astros,
Solar systema se aclarou de todo.
Mas apenas os Ceos co' a mente excelsa,
Sem te assustar o espaço indefinito,
Ousaste passear, como vencida
Da douta audacia a Madre Natureza,
Ou fez que o Ceo, se aproximasse á Terra,
Ou que a Terra de perto os astros visse.
Leis occultas té alli se patenteáo,
E o que Newton expoz, Cassini indaga.
Seguindo a piza ao fundador, ao mestre
Da sciencia astronomica, empunhava
O Telescopio do subtil Campani;
De Saturno os satellites descobre
Quasi todos então; busca as estrellas,
Que immortal Galileo primeiro achára,
Luas de Jove são; fanal aos nautas;
O espantoso fenomeno nos mostra
Da luz Zodiacal, co' a parallaxe
Do sanguineo, medonho, accezo Marte.
A distancia marcou do Sol á Terra,
Distancia que confunde a mente humana,
E que a luz n'hum momento abrange, e corre;
Sabio traçou Meridiana linha,
E por ella nos mostra o variante
Moto veloz da Terra ao Sol em torno.
Então mais claro no volume immenso,
Dos Ceos, já quasi aberto, os homens lêrão;
Foi-lhe sugeita a abobeda brilhante

A radio mathemático, qual era
O mortal domicilio aos homens dado:
Parallaxe annual d' altas estrellas,
Que engastadas nos Ceos fixas se amostráo;
Idéa falsa se aniquila, e foge,
E a lei da aberração mostra a verdade.
Peregrinando pelos Ceos supremos
Váo sabios indagar da Terra a fórma
Co' a sciencia astronomica se marca
Da nossa habitação figura, e termo.
Quasi se amostra a longitude ignóta
Sobre inconstante mar, onde em cavado
Pinho, avaro mortal circunda o globo.
Incessante fadiga a luz derrama
No arcano presentido, e ignóto ainda
Da obliquidade do angulo, que hum pouco
Em cem annos na Ecliptica decresce!
Quasi deixáo seu tom da Lyra as cordas
Quando dest' arte nos umbraes me entranho
Da linguagem dos calculos, que he sombra,
Que estrema immensamente, e que divide
O frio Euclides do fervente Milton.
Ah! de Ariosto aos extases divinos
Calculador pousado em váo se ajusta.
Como indignado das prescriptas metas,
Achadas até alli no espaço immenso
Herschell sobe mais alto, além das tardas
Luas, que escoltáo frigido Saturno.
Lá corre a suspender na marcha Urano,
Leva comsigo a Carolina, e ambos
Revolução continua, e varia encontráo,

No luminoso annel que o globo cinge,
Do nem remóto, ou ultimo Saturno;
Quando com elle hum Hercules comparo,
Q' Olbers descobre, que a carreira immensa,
No gyro de dois seculos absolve.
De mais perto se observa a argentea Lua,
Gelados montes tem, gelados mares,
E tem Vesuvios que vomitão chammas.
He cidadão, e morador he quasi
Na Terra inda o mortal do ethereo assento.
Desgraçado Bailly, fuma o teu sangue
No cadafalso vil: tua alma agora,
Já solta das prizões, lá vê nos astros
Se o grão discurso teu, falhou no Mundo.
Se a Terra, dizes tu, se outros Planetas
Por centro de seu gyro o Sol conhecem,
Talvez, que o nosso Sol, que os Soes, que fixos
Parecem ser na abobeda azulada?
Tenhão centro commum n'hum Sol mais puro,
Mais vasto, e luminoso, e que descrevão
Em roda delle, essa orbita assombrosa,
Que mais remotos tem limite, e termo,
Que a fantasia fervida d' hum Váte!
La-Lande a imaginou, La-Lande a sente;
Mas, foge, foge aos calculos, ás cifras.
Virá talvez hum tempo.... ah! se na Terra
Não tiver duração Vandalo Imperio!
Em que outros vidros, outros tubos mostrem,
Que foi verdade, e luz tão grande idéa!
Depositada está no aureo volume,
Que sobranceiro ao cadafalso, ao sangue,

Não ferio com Bailly furor de Tigres,
Qne ao Sena derão leis, e as dão na Europa,
Que os ferros beija voluntaria escrava:
Vileza, e corrupção, chegaste a tanto!
  Não foi sem fructo, não, ou foi deleite
A sciencia Astronomica entre os homens!
Ah! quanta, e quanta luz se deve a Newton!
Só são dignas de apreço as artes uteis.
Quão proficuo aos mortaes he nauta ousado!
Se tu, Lysia, tens gloria, ao nauta o deves,
Que abrio primeiro do Oriente as portas:
E teu nome immortal soou na Terra,
Porque teu lenho undívago a cercára.
Nas Ilhas do Oceano, e mares todos,
Dos Lusos se conserva o nome, e a fama.
Muito pôde o valor, pouco a sciencia
No seculo inda rude, alheio ás artes!
Por que inda hum Newton não subira aos astros,
Newton, sciencia, calculos, systemas
Só Magalhães não necessita; basta
Que ao lado delle vão, vingança e honra;
Eis todo o Globo rodeado; he esta
A façanha maior da especie humana.
Era extincto o fervor nos Lusos peitos
Depois que estranhas leis o Tejo ouvira,
Do mar o senhorio então transfere
A's mãos Britannas ó Senhor dos Mundos.
De Varennio a fadiga illustra hum Newton,
Correm Bretões o mar, e o globo cercão,
Não levados do sordido, e terreno
Insaciavel interesse de ouro;

Mas só por illustrar, dar mór grandeza
A' esfera immensa das sciencias todas.
Vai Cook, e vai Byron cercando o Globo
Por inda não tentada, incerta via;
Então suspendem generosa marcha
Quando em gelado mar, gelada terra
Da Natureza no decreto attentão,
Que atraz lhes manda bracear as vélas;
Que onde a Terra acabou, findar se deve
O trabalho mortal, o amor da gloria.
O' nome Lusitano, ó Patria minha,
Eu culpo o teu silencio, a huma virtude,
Que se apraz de esconder-se, eu chamo inercia.
Descreve Newton c'o compasso d' ouro
O globo que Varennio exposto havia;
Foi Cook, e foi Byron, foi Bougainville,
Qual Anson foi guerreiro, e os mares gyrão.
Do Continente austral foge o fantasma,
Que avarento Hollandez (nem hoje avaro;
Nem já por crimes se conhece a Hollanda)
Julgou grande porção do globo, e sua.
Assombrado do gelo atraz voltárão,
Mas nunca hum passo além co' lenho óvante
Da Terra forão que tocára hum Luso;
Magnanimo Queiroz, déste-lhe hum nome
Para ti foi brazão, e he méta aos outros
Do nebuloso Sul prescrutadores:
E a gloria de buscar no Mundo hum Mundo,
Se ao pensativo Bátavo pertence,
E ao pertinaz navegador Britanno,
No Tejo as bazes tem, no Tejo a fonte,

Mais além de Queiroz nenhum se avança.
Foi entre tantos Magalhães primeiro,
Todos de hum centro os raios se derramão,
Que vem tocar d' hum circulo os extremos.
Tal do centro de luz, que accende hum Newton
Se derrama ao grão circulo das artes
O perpetuo clarão com que hoje medrão.
Quanto a vetusta Fysica ignorava,
Sobre a essencia do ar se mostra aos olhos;
Piza-se a immensa fluida substancia;
E já senhor do mar n' hum curvo lenho
Não lhe basta do Globo o Imperio inteiro,
Se o dominio o mortal não tem dos ares;
Lá sóbe, la passêa, e vê seguro
Debaixo de seus pés cruzando os raios.
Do antigo Architas se escureça a Pomba;
Maior prodigio guarda a idade nossa.
Eu vejo pelo ar volantes carros,
Quaes vão nas ondas os baixeis arfando;
E nelles os mortaes tranquillos vejo
Sem temer o despenho, e não lhes lembra,
Que afrontada dest' arte a Natureza,
Tire vingança da famosa injuria.
Eu vejo o golpe, e a victima primeira
Em Rosier intrepido, qne sobe;
Elle o primeiro foi, mas prestes passa,
Do regaço da gloria ás mãos da morte.
Porém mais uteis os trabalhos vejo
Dos sabios, que o caminho a Newton seguem;
Eis a fonte de incognitos arcanos
Aberta aos olhos dos mortaes absortos;

Eis o electrico fluido pasmoso
De fenomenos mil já causa ignóta;
Do raio a patria se conhece, e teme,
He das nuvens a electrica peleja.
Se trôa, se rebrama o escuro Inferno
Dentro do bojo de Vesuvio, e exhala
O fumo que se expande, e o Ceo nos rouba,
E traz ao dia de repente a noite,
E aquella chamma, que entre estragos tantos,
Chora o Mundo o maior, de Plinio a morte;
Aqui descobre electricismo o Sabio.
Sabios illustres, que mysterios tantos
Descortinar, e conhecer podestes;
Legislador Americano, os évos
Teu nome guardarão; Nollet, teu nome
Da sapiencia nos annaes gravado
Eternamente vivirá; se as artes
Barbaridade, que extermina tudo,
Quizer poupar da aluvião de ultrages,
Que ás leis, á Natureza, e aos Ceos tem feito.
Da multi-forme Boreal Aurora
Mairan, seguindo os calculos de Newton,
Expoz a causa aos seculos ignota.
Da atmosféra solar porção tirada
Por veloz rotação do terreo globo.
Ao ar então se communica espesso,
Que as tristes regiões do Polo abafa.
Tu, de Bérgamo o tymbre, sabio illustre,
Tu, Savióli, que na Lyra d' ouro
Cantaste os dons de Eráto, os dons d' Urania,
Do Volga, e do Boristhenes ás margens

Foste observar de perto o accezo quadro,
Do Boreal Fenomeno, tu viste
Nos gelos que c' os Ceos quasi confinão
A reflexão dos luminosos raios,
E tantos, taes listões formar nos ares,
Que pelas vastas regiões das sombras,
Ou da morte talvez, suprem hum dia.
Das Artes no progresso a gloria vejo
Da indagadora Chimica, que tanto
Da Europa pelos angulos se acclama
(Com tanto ardor, que enthusiasmo he, certo!)
Interpetre fiel se diz da vasta,
Té agora occulta Natureza toda.
Já de antigos delirios despojada,
Se ella analyza os simplices, não busca,
Lisongeando sordida avareza,
As pedras converter, (que insania!) em ouro!
Té mãos Imperiaes viste, ó Florença,
Depondo o sceptro, tactear cadinhos;
Tanto o prestigio de tal arte póde!
Mas se delles a Purpura não foge,
Fogem por certo as Musas d' espantadas:
Nega-se a Lyra a barbaros, e escuros
Termos, que jurão sanguinosa guerra
Do metro Luso á mágica harmonia.
Morre-me a chamma, que me ferve n'alma;
Se hydrogenio, se azóte, ou se oxigenio,
Ousados vem barbarizar meus versos.
Não te negão porém lugar, nem gloria,
Lavoisier illustre, que hum momento
Inda pediste ao barbaro Tyranno,

Da vida, ai dor! que despiedado córta,
Em que inda mais á Natureza abrisses,
Nunca de todo, o sanctuario, aberto!
Mas hum Tigre quer sangue, e não sciencia;
Tu não choras a vida, a perda choras,
De huma verdade, que comtigo em sombra
Perpetuamente no sepulcro he posta.
Nem do globo as reconditas entranhas
Da vista ao sabio indagador se occultão;
Tal he o Imperio do brilhante facho,
Que Newton accendeu! Henckel, Bomáre
Então das minas pela tréva espessa
Perdem da vista o Sol, da vista o dia,
E á debil luz de pálida lanterna
O profundo vão ver Laboratorio,
Em que os metaes prepara a Natureza:
Dos homens os quiz pôr, tão longe, e longe!
Vio que do ferro só, não curvo arado,
Mas liza espada fabricar devião,
E do bronze os canhões, que o raio imitão,
A tanta assolação chamando gloria.
Mais o ouro escondeu no abysmo, e sombra,
Devendo ser do mérito a corôa,
Quasi sempre he do crime o premio, e causa.
Mas eu duros metaes deixo nas sombras:
Distem pouco do Inferno, eu busco o quadro,
Que em sua face a Natureza mostra.
Estudo immenso, dos mortaes só digno,
Perenne fonte das scieneias todas,
Das mesmas Artes mãi que estende o Imperio
Por quanto abraça o ar, a terra, os mares

Desde o vasto Elefante, á vaga, e bella
Borboleta gentil, que beija as flores:
Da gigantesca, ou colossal Balêa
Ao pequenino lucido testaceo,
Que, igual ao grão de arêa, á vista foge:
Desde o cedro soberbo, á relva hulmilde,
Que os gados tózão, que tapiza os prados.
Estudo liberal, que a engenho humano
Descobre vasto, interminavel campo,
Que o orgulho scientifico confunde
Com tanto, vario, e differente objecto,
Que imperceptiveis relações conservão;
Quaes anneis entre si ligados sempre,
Interminavel a cadêa formão,
Que prende, e tem principio em Ser Eterno.
Tão vasto estudo, glorioso, e bello,
Tanto mais se cultiva, e mais florece,
Quanto he menos pezada, e menos densa
Nuvem que assombra o social estado
De Antiquario pedante, ou Vate inerte,
Vadio adorador d' alta belleza,
Cuja vida he desprezo, a morte he fome:
De hebdomadal efémera caterva,
Que do nada surgio, e ao nada torna
Depois que o povo no momento d' ocio
Escarneceo profeticas pormessas.
Estudo augusto, que propaga, e cresce
Onde menos o estólido Forense,
E impertinente Puritano existe,
Rico de frases só, de cousas pobre:
Onde menos a enfática Impostura

Precursora da morte, a morte apressa;
E o Quinhentista moedor, mysterios
Nos parece mostrar, se mudo, e triste
Pulverulento códice idolátra,
Que he rico só de antiguidade, e traça.
De insectos taes em ti não viste a praga,
Aviltada Germania, ah! quando ao Mundo
O grande author das mónadas off'rece
A Prothogea. Nem Britannia a sente
Quando Johnston, Derrham, e hum Lister dava;
Nem com elles, Italia, então gemeste
Quando dava a Botanica Zanoni:
Quando hum Morgagni teu, quando hum Borelli,
Nos penetraes da Natureza entravão:
E quando Valisnéri a expunha toda;
Já limpa, e livre de pedantes eras,
Quando a tócha accendia Spalanzani,
E arranca de seu seio altos arcanos,
Quaes desde o grande Peripáto os evos,
Nunca atélli descortinar poderão.
Nem Gallia (agora escrava em sangue, e ferros,
Qual de Piratas viz n' Africa Emporio,
Que o mar Tirreno co' as Galés infesta;)
E de rapina, e violencia existe,
De Novellistas oppremida estava
Quando o grande Buffon n' hum quadro immenso
A Natureza á Natureza mostra.
Se a tempestade das Novellas surge,
Se os Jornaes a si mesmo, e os homens matão,
Se a militar, politica mania
Começa de deixar tão ermo o Globo,

He pastor Daubenton, Sonnini expira
(Inda feliz que ao cadafalso escapa)
Do esquecimento, e da penuria em braços.
Da Natureza não prospéra o estudo,
Nem se conhece hum Newton, se estes vermes
Da sciencia os alcaçares maculão:
Nunca do Tejo ás margens se aproximem,
Terá throno a sciencia, as Artes preço:
Lusitania terá Buffons, e Plinios;
E Vates, que estudando a Natureza,
Saibão dar justo emprego ao dom das Musas,
Se tem tal nome, o ingenito talento,
Que alta facundia a numeros sugeita,
Que em grande tudo vê, que imagens falla,
E que, a razão ligando á fantasia,
Dá força, dá calor, dá vida a tudo.
Mas de tristeza hum véo me envolve, e fecha
Tudo o que palpo, e que diviso, he sombra!
Della vejo romper Fantasma horrendo;
Ao rosto atroz, ás sanguinosas vestes
Eu conheci, (que dor!) Barbaridade!
De Omar a ferrea Simitarra empunha,
Na esquerda, e negra mão fulgura a tócha,
E se me antolha já q' hum vasto incendio
Das Artes o deposito consume:
Que já são pasto da estridente chamma
Das Musas todas as vigilias doutas!
Nem teu mesmo volume escapa, ó Newton.
Oh perda!.. O' Albion, manda os teus raios
Elles podem vedar barbaro incendio.
Corre, e na Hespanha pulvériza os monstros,

Que onde quer que do corpo a sombra espalhão,
Turva se o ar, se esteriliza a terra,
Da vida, e da sciencia amor expira.
Em quanto além do Vistula rompendo
D' honra, e valor o sufocado incendio
Desfeicha o raio, que talvez da Europa
De huma vez para sempre a injuria vingue.
Então do cáhos recuando o Imperio,
Hum dia assomará que traga ao Mundo
A luz que a Grecia vio, quando na escóla
O Genio de Estagira absorta ouvia;
Quando acceso Demosthenes da boca
D' aurea elequencia as ondas entornava,
E além das nuvens Pindaro subia;
A luz já vista fulgurar em Roma
Quando Augusto a seu lado assenta Horacio,
Ou Tullio a dubia liberdade escóra:
Qual seculos depois raiou mais clara
Do Decimo Leão no Imperio eximio,
Quando o Segundo Julio ás Artes abre
O Templo, que até alli fechara o Godo:
A luz que a França mais ditosa vira
Do tão Grande Luiz brilhar nos dias.
Então dos Ceos descendo a Paz serena,
Da porficua Oliveira ao lado os Louros
Fará brotar, reverdecer, c'roar-se
Com sua rama a magestosa frente
Do profundo Filosofo, e do Vate.

Fim do IV. e ultimo Canto.